

HELENA PRZYCZYNSKI CARDOSO DE ANDRADE

## **DO MUSEU À CIDADE IMPERIAL:**

**Representações da Cidade de Petrópolis no material educativo *Almanaque de Petrópolis - Uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial* (2008), do Museu Imperial, Rio de Janeiro.**

**Porto Alegre**

**2013**

Helena Przyczynski Cardoso de Andrade

## **DO MUSEU À CIDADE IMPERIAL:**

**Representações da Cidade de Petrópolis no material educativo *Almanaque de Petrópolis - Uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial* (2008), do Museu Imperial, Rio de Janeiro.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção de grau no Curso de Museologia.

**Orientadora:** Prof. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura  
Vice Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Profa. Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira  
Chefe-Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenadora: Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira  
Vice Coordenadora: Profa. Dra. Zita Rosane Possamai

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

**BIBLIOTECA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

---

A553c Andrade, Helena Przychynski Cardoso de

Do museu à Cidade Imperial : representações da cidade de Petrópolis no material educativo Almanaque de Petrópolis : uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial (2008), do Museu Imperial, Rio de Janeiro / Helena Przychynski Cardoso de Andrade. 2013.

f.

Orientador: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2013.

1. Educação em museus. 2. Museu Imperial (Petrópolis, RJ). I. Faria, Ana Carolina Gelmini de. II. Título.

CDU: 069

---

Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Bairro Santana  
Porto Alegre-RS  
Telefone: (51) 33085067  
E-mail: fabico@ufrgs.br

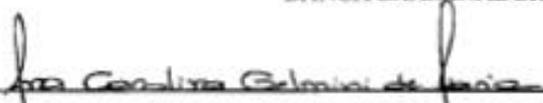
Helena Przyczynski Cardoso de Andrade

**DO MUSEU À CIDADE IMPERIAL:**

**Representações da cidade de Petrópolis no material educativo *Almanaque de Petrópolis - Uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial* (2008), do Museu Imperial, Rio de Janeiro.**

Aprovado pela banca examinadora em 10 de Dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Me. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr. Zita Rosane Possamai - UFRGS

  
\_\_\_\_\_  
Me. Maria Cristina Padilha Leitzke - UFRGS

Porto Alegre, 10 de Dezembro de 2013.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho me dei conta do quão rápido o tempo passa e de como nós nos modificamos para melhor. Quando ingressei no curso de Museologia, em 2010, apesar de saber que ao término da graduação seria necessário um trabalho de conclusão de curso, quando o dia de iniciar a pesquisa chegou percebi que quatro anos tornam-se dias e que nos restam boas lembranças e ótimas amizades. Por isso, aos que estavam presentes durante este processo, preciso registrar meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Deus por me acompanhar sempre, inclusive em cada linha escrita destas páginas. Também aos meus pais e ao meu tio Jorge. À minha mãe que sempre telefonava para perguntar como estava a pesquisa e me incentivou a cada dia, desde quando cheguei aqui pela primeira vez, ainda que chorasse de saudades, ao meu pai que me ajudou com livros de 1940 e tantos outros e ao meu tio que sempre me incentivou na escolha da profissão e na minha saída de Petrópolis para morar por quatro anos aqui nesta cidade maravilhosa, Porto Alegre.

Meus sinceros e profundos agradecimentos à minha orientadora Ana Carolina Gelmini de Faria, a Carol. Agradeço por todo o apoio e suporte que você ofereceu, por sempre abrir um horário na sua agenda para me atender e tornar esta etapa tão agradável. Muito obrigada pela companhia nesta caminhada que está guardada para sempre no meu coração.

À Cidade de Petrópolis que me inspirou tanto neste trabalho. Ao Museu Imperial que sempre fez parte do meu cotidiano enquanto eu morava em Petrópolis, mas de modo especial à Regina Helena de Castro Resende, do Setor de Educação, sempre solícita em responder as dúvidas que surgiam e enviando materiais para que a pesquisa pudesse ser concluída, e à Claudia Maria Souza Costa, da biblioteca do Museu, a qual prontamente me enviou o famoso Catálogo do Museu Imperial de 1946.

Um agradecimento especial a Me. Maria Cristina Padilha Leitzke, pela amizade e por todo o apoio durante meus estágios no Museu da UFRGS, e à prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Zita Rosane Possamai pelas aulas e debates esclarecedores sobre a Museologia. Agradeço também por terem dedicado seu tempo e concordar em participar da banca examinadora.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade de estudar e aprender, a todos os professores que contribuíram na minha formação por todo o conhecimento transmitido, aos meus amigos de graduação pelo companheirismo e

compreensão, especialmente durante os últimos meses. Foi por uma boa causa. E aos meus amigos petropolitanos que sempre me deixavam com saudades de casa, mas com vontade de concluir o trabalho. Muito obrigada!

*It's times like these  
You learn to live again  
It's times like these  
You give and give again  
It's times like these  
You learn to love again  
It's times like these  
Time and time again  
(Times Like These – Foo Fighters)*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão do Curso de Museologia buscou analisar, a partir do primeiro volume do material educativo impresso, lançado em 2008, do Museu Imperial intitulado “Almanaque de Petrópolis - Uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial”, a relação que a instituição estabelece entre si e a Cidade de Petrópolis/RJ, bem como este a apresenta ao leitor. Para que a análise pudesse ser iniciada foi necessário contextualizar a relação de afeto da Família Imperial com a região inicialmente chamada de Fazenda do Córrego Seco, com a formação de Petrópolis, o desejo de ali construir o Palácio Imperial e a transformação deste no atual Museu. Também foram analisados os projetos educativos mais recentes oferecidos pelo Setor de Educação da instituição, especialmente ao público escolar. Para obter maiores informações sobre as razões e os anseios que levaram a equipe do Museu a elaborar o Almanaque de Petrópolis, em especial seu primeiro volume, foi elaborada uma entrevista para Regina Helena de Castro Resende, chefe do Setor de Educação e uma das autoras dos três volumes que, atualmente, encontram-se disponíveis para consulta no site institucional do Museu Imperial.

**Palavras-chave:** Museu Imperial, Petrópolis, Educação em Museus.

## **ABSTRACT**

This final work of the course of Museology seeks to analyze, from the first volume of the printed educational material, released in 2008, of the Imperial Museum, entitled "Almanac of Petrópolis - A journey of discoveries through the past and present of the Imperial City", the relationship that the institution establishes between itself and the City of Petrópolis / RJ, and how this institution presents it to the reader. For the beginning of the analysis, it was necessary to contextualize the relationship of affection between the Imperial Family and the region, initially called the Córrego Seco Farm, with the formation of Petrópolis, the desire to build there the Imperial Palace and the transformation of it into the current Museum. Also, the most recent educational projects offered especially to the public school by the Department of Education of the institution were analyzed. In order to obtain more information about the reasons and concerns that led the team of the Museum to develop the Museum's Almanac of Petrópolis, especially its first volume, an interview was carried out with Regina Helena de Castro Resende, head of the Department of Education and one of the authors of the three volumes that currently are available for consultation on the site of the Imperial Museum.

**Keywords:** Imperial Museum, Petrópolis, Education in Museums.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> MAPA DO CAMINHO ANTIGO DAS MINAS GERAIS .....	17
<b>Figura 2</b> A CASA DA FAZENDA DO PADRE CORREIA COM SUA CAPELA DEDICADA A N. S. DO AMO DIVINO (DESENHO DE SELLOW, INST. HIST. COBLENZ, ALEMANHA).....	18
<b>Figura 3</b> PLANTA DE PETRÓPOLIS, 1846 .....	19
<b>Figura 4</b> FOTOGRAFIA DA FACHADA PRINCIPAL DO PALÁCIO DE PETRÓPOLIS, TIRADA POR VOLTA DE 1860 .....	21
<b>Figura 5</b> CAPELA DO EDUCANDÁRIO NOTRE DAME DE SION CONSTRUÍDA AO LADO DO ANTIGO PALÁCIO .....	22
<b>Figura 6</b> FICHA PEDAGÓGICA DA DÉCADA DE 1980 .....	31
<b>Figura 7</b> FICHA PEDAGÓGICA DA DÉCADA DE 1980 - PRINCESA LEOPOLDINA .....	32
<b>Figura 8</b> FOLHA DIDÁTICA DA EXPOSIÇÃO “A CIDADE E A SERRA - MUSEU IMPERIAL” .....	33
<b>Figura 9</b> CAIXA DAS DESCOBERTAS .....	35
<b>Figura 10</b> ESTUDANTES NO PROJETO CAIXA DAS DESCOBERTAS .....	36
<b>Figura 11</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. CAPA .....	39
<b>Figura 12</b> ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS - O PALÁCIO IMPERIAL. CAPA .....	40
<b>Figura 13</b> ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS - A ESTRADA DE FERRO E AS VIAGENS DE TREM. CAPA .....	41
<b>Figura 14</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. HISTÓRIA DE PETRÓPOLIS .....	42
<b>Figura 15</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. IMPERADOR E CIDADE .....	43
<b>Figura 16</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. REGISTROS DA PRESENÇA ALEMÃ NA CIDADE EM 1870 E NOS DIAS ATUAIS .....	44
<b>Figura 17</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. LABIRINTO .....	45

<b>Figura 18</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. COMPARAÇÃO ENTRE DOIS PERÍODOS HISTÓRICOS DE UMA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDO.....	46
<b>Figura 19</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL ‘O MERCANTIL’ DE 1857.....	48
<b>Figura 20</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. JOGO DOS ABSURDOS.....	49
<b>Figura 21</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. ARQUITETURA PETROPOLITANA.....	50
<b>Figura 22</b> ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. DESCUBRA PALAVRAS.....	51
<b>Figura 23</b> PROVA DE HISTÓRIA DO COLÉGIO IPIRANGA - PETRÓPOLIS/RJ.....	54
<b>Figura 24</b> PROVA DE MATEMÁTICA DO COLÉGIO IPIRANGA - PETRÓPOLIS/RJ.....	55
<b>Figura 25</b> REDAÇÃO DE ALUNA DO COLÉGIO IPIRANGA - PETRÓPOLIS/RJ.....	56

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2 O MUSEU IMPERIAL E SEU CONTEXTO</b>	16
2.1 Cidade e Palácio	17
2.2 Do Palácio ao Museu	22
<b>3 FUNÇÃO EDUCATIVA EM CENA</b>	27
3.1 Os projetos educativos do Museu Imperial	30
3.2 Formatos e intenções: refletindo os materiais educativos	37
<b>4 CONCLUSÃO</b>	58
<b>REFERÊNCIAS</b>	60
<b>APÊNDICE A - Carta de Apresentação</b>	63
<b>APÊNDICE B - Roteiro de entrevista</b>	64
<b>APÊNDICE C - Termo de consentimento</b>	65
<b>ANEXO A - Avaliação para professores</b>	66

## 1 INTRODUÇÃO

Assim como diversas cidades históricas brasileiras, Petrópolis, localizada no Estado do Rio de Janeiro, devido ao seu passado, é considerada por muitos moradores e visitantes um local emblemático. Quando caminhamos pelas ruas da Cidade nos deparamos com monumentos que são referências de personagens e passagens da história do País: D. Pedro II e a Família Imperial, Santos Dumont, Rui Barbosa, entre outros. Todavia a influência do Imperador não está somente nas edificações e planejamento da cidade, mas também na potencialidade do turismo cultural, principal fonte de renda da mesma, e no desenvolvimento industrial, por meio das indústrias têxteis que se instalaram entre finais do século XIX e início do XX (GREGÓRIO, 2009).

Como cidadã petropolitana, cresci pelos caminhos que tantos turistas percorrem todos os dias do ano. Pela experiência, arrisco afirmar que uma das edificações que se tornou ícone da Cidade é o Palácio de Verão do Imperador, hoje o único Museu Imperial da América Latina.

No século XX, tanto o Museu quanto a Cidade de Petrópolis cresceram juntos e assim permanecem relacionados até hoje. É impossível falar de um sem pensar no outro. A casa que outrora pertencera à Família Imperial brasileira atualmente abriga um museu sobre o Império no País e a Cidade preferida do Imperador. Apesar de guardar vestígios de uma época, atualmente está bem diferente de como era. Os cidadãos que ali moram reconhecem seu passado nas relações com os prédios históricos e com a própria Cidade ao mesmo tempo em que as necessidades do contexto atual se fazem presentes.

O fato de um membro da Família Imperial ainda morar ali incita as mais diversas fantasias. A residência que foi a preferida do Imperador Pedro II, primeira e única construção erguida no Brasil para ser residência de um Chefe de Estado (SODRÉ, 1950), não poderia ter se tornado outro museu que não um Museu Imperial pelo grande valor histórico e simbólico de um sistema político.

Os museus possuem uma dimensão educativa e para colocá-la em prática são propostas diferentes ações que contemplem este caráter (PEREIRA, 2010). Essa função é atribuída ao setor educativo (ou mesmo divisão, departamento, programa educativo), que em suas atividades constrói representações segundo o discurso do museu. Nesse sentido, este

projeto de pesquisa pretende investigar, a partir do material educativo produzido pelo Museu Imperial, quais conceitos e relações são construídas atualmente entre a Instituição e a Cidade na qual se insere, um dos eixos abordados nas atividades promovidas pelo Museu.

Através da análise do Almanaque de Petrópolis - Volume I “Uma Jornada de Descobertas pelo Passado e Presente da Cidade Imperial” (2008), produzido pelo Setor Educativo do Museu Imperial, visa-se investigar como a instituição se relaciona com a Cidade de Petrópolis e sua comunidade através da organização e apresentação dos temas trabalhados neste material impresso. Assim, pretende-se investigar como as ações educativas do Museu trabalham seu entorno a partir do tema museu e cidade, quais os objetivos para a criação do material impresso, além de apurar o processo de elaboração do primeiro volume do Almanaque de Petrópolis e como estão organizados os temas explorados nesse recurso didático.

A investigação do presente trabalho está distribuída em quatro capítulos. Após a introdução, o segundo capítulo, intitulado *O Museu Imperial e seu contexto*, pretende abordar a Cidade de Petrópolis e as relações construídas por meio dos patrimônios, dentre eles o Museu Imperial, foco deste trabalho. Assim, será apresentado um breve histórico da criação de Petrópolis e a construção do Palácio Imperial, casa de veraneio da Família do Imperador, que até se transformar em uma instituição museológica passou por diversas transformações em consonância com a função em exercício.

O terceiro capítulo, denominado *Função Educativa em cena*, investiga o Museu Imperial no percurso da educação em museus, analisando alguns marcos relacionados à produção vinculada à instituição, tais como a Educação Patrimonial no Brasil com a produção de Maria de Lourdes Parreiras Horta e o projeto da série de Almanques produzidos pela equipe do setor educativo nos anos 2000. O primeiro volume dos Almanques será estudado a partir de seu formato físico, observando a construção e seleção de escritas e imagens, além de atividades propostas ao leitor. As conclusões finais estão apresentadas no último capítulo, onde relato as considerações sobre o estudo a partir da investigação apresentada.

Cabe ressaltar que, para aprofundar os estudos sobre o material educativo impresso da instituição, além da análise de conteúdo, com abordagens sobre o Museu, a Cidade, a relação entre Museu e Cidade, os personagens e atores sociais citados e os recursos educativos utilizados ao longo do Almanaque, foi realizada uma entrevista estruturada (Apêndices A, B e C) por meio eletrônico à responsável do Setor Educativo do Museu Imperial, Regina Helena

de Castro Resende, uma das colaboradoras na elaboração do Almanaque. Acredita-se que a entrevista contribuirá para conhecer melhor os motivos que levaram a equipe a elaborar os materiais, bem como foram distribuídos ao público que se destina.

Sabendo que os museus podem contar histórias, mostrar novos mundos aos visitantes e problematizar o que foi visto em seus espaços, não podemos esquecer que eles estão localizados nas cidades, no meio das pessoas que vivem, trabalham ou passeiam e que muitas delas não conhecem o que está atrás dos muros e paredes das instituições. É importante perceber os museus como formadores e difusores de conhecimento que se relacionam com a cidade onde se localizam, seja por meio de exposições ou materiais educativos, como é o caso do Museu Imperial em Petrópolis. Ambos estão relacionados entre si.

## 2 O MUSEU IMPERIAL E SEU CONTEXTO

Antes de se tornar a “Cidade de Pedro” pela Portaria Provincial de 08 de julho de 1843, Petrópolis era a Fazenda do Córrego Seco, uma fazenda próspera localizada no alto da Serra da Estrela (RABAÇO, 1985) que encantou D. Pedro I, então Imperador do Brasil, no dia 26 de março de 1822 quando atravessava o local em direção à cidade de Vila Rica em Minas Gerais (SODRÉ, 1943). Porém, somente em 16 de março de 1843 o jovem Pedro II, com apenas 17 anos de idade, assinou o Decreto nº. 155 determinando o arrendamento da fazenda ao Major Júlio Frederico Koeler, reservando os terrenos necessários para que a cidade fosse povoada e para as obras de construção do Palácio Imperial (RABAÇO, 1985).

Em 29 de março de 1940, pelo Decreto-lei nº. 2.096 a criação do Museu Imperial tornou-se realidade, um projeto de desdobramento da periodização da história tradicional do país pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e o Estado Novo (JULIÃO, 2006). À época em que o Palácio foi transformado em Museu a proposta era inovadora no Brasil, afinal, poderia facilmente ser chamado de “A Casa do Imperador”, em razão da preocupação em fazê-lo o mais semelhante possível ao período da antiga morada da Família Imperial e manter o espírito histórico da monarquia presente no local (BRASIL, 1946). Iniciava-se assim a busca por objetos pertencentes ao Imperador e ao período monárquico brasileiro, visto que anteriormente o edifício havia sido o endereço de dois educandários em momentos distintos e tudo o que pertencera à Família foi retirado do local.

Todos os anos milhares de turistas vão à Petrópolis em busca da tranquilidade da região serrana, das compras na Rua Tereza e do centro histórico com suas construções de época como a Catedral, o Palácio de Cristal, a Casa de Santos Dumont, o Palácio Rio Negro e, claro, o Museu Imperial. Em abril de 2011 a revista britânica *The Art Newspaper* divulgou o *ranking* com os museus e exposições mais visitados do mundo em 2010 onde o Museu Imperial foi apresentado com 184.571 visitantes na exposição de curta duração para celebração do Ano da França no Brasil “Retratos no estrangeiro: o Brasil imperial nos ateliês franceses” (*THE ART NEWSPAPER*, 2011, doc. eletr.). Em 2012 a exposição “Museu Imperial na memória” realizada entre os meses de maio e setembro, de acordo com a mesma

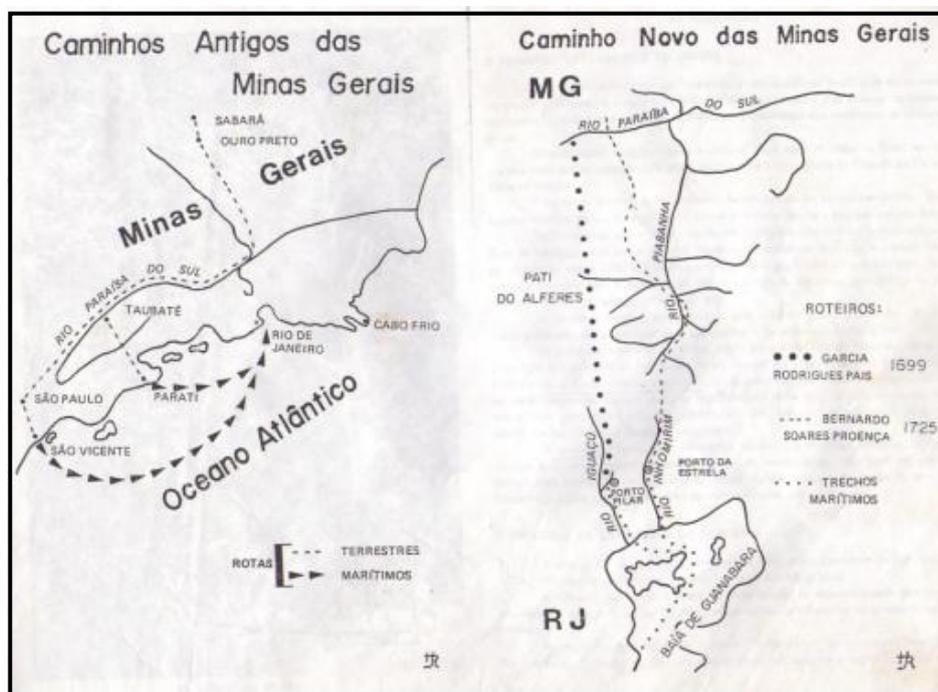
revista, recebeu em média 883 pessoas por dia, mais de 92 mil em toda a sua duração (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>1</sup>.

## 2.1 Cidade e Palácio

De acordo com os historiadores Alda Heizer e Lourenço Luiz Lacombe (*apud* HEIZER, 1994) a Família Imperial buscava uma residência fora da Corte e, portanto, longe do calor carioca. Até o ano de 1822 a região do Rio de Janeiro estava dividida por/em sesmarias e uma destas foi a responsável pela descoberta do ‘atalho do Caminho Novo’ aberto por Garcia Rodrigues Pais em 1699 (Figura 1). O caminho atravessava grande parte do que é hoje a cidade de Petrópolis e encurtou em quatro dias a viagem do Rio de Janeiro para Minas Gerais, além de proporcionar um trajeto menos sinuoso (DAIBERT, 2010).

Figura 1

### MAPA DO CAMINHO ANTIGO DAS MINAS GERAIS



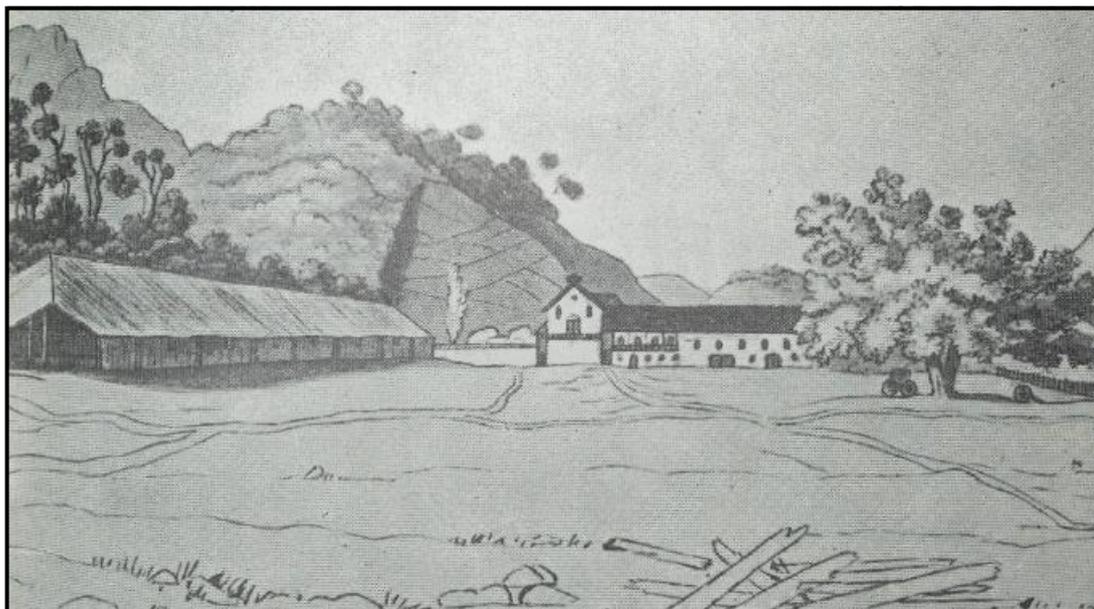
Fonte: DAIBERT, 2010, p.19.

<sup>1</sup> Extraído da seção **Museu Imperial na imprensa**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/sala-de-imprensa/2800-museu-imperial-integra-ranking-mundial-de-exposicoes-mais-visitadas-.html>>. Acesso em: 31 ago 2013.

Enquanto Dom Pedro I seguia no ano 1822 em direção à Vila Rica/MG, na busca por apoio ao movimento da Independência do Brasil, ficou admirado com o clima e a Mata Atlântica da região serrana do Rio de Janeiro (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>2</sup>. Durante esse percurso, em 03 de fevereiro de 1830 o Imperador hospedou-se na Fazenda do Padre Correia (Figura 2), onde hoje é o bairro Correias, na Cidade de Petrópolis (SODRÉ, 1943). A afeição do Imperador com o local foi tanta que chegou a ofertar pela terra, entretanto sofreu uma recusa da então proprietária do local, Dona Arcângela Joaquina da Silva, irmã do sacerdote Padre Correa falecido ao ano de 1824, a qual alegava motivos sentimentais além de compromissos familiares que, sendo assim, impediam-na de vender a propriedade (RABAÇO, 1985). O Imperador, todavia, não desanimou. Em 1830 comprou, por 20 contos de réis, a Fazenda do Córrego Seco a fim de transformá-la no Palácio da Concórdia, o que nunca se concretizou em seu reinado, pois nesse período ocorria a crise política sucessória em Portugal e a insatisfação interna.

**Figura 2**

**A CASA DA FAZENDA DO PADRE CORREIA COM SUA CAPELA DEDICADA A N. S. DO AMO DIVINO (DESENHO DE SELLOW, INST. HIST. COBLENZ, ALEMANHA).**



Fonte: RABAÇO, 1985 p.27.

<sup>2</sup> Extraído da seção **Histórico & Personagens**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-a-personagens/2051-historico-a-personagens.html>>. Acesso em: 22 mar 2013.

Assim, D. Pedro I partiu para sua terra natal aonde veio a falecer em 1834, deixando a dívida da compra da fazenda, de acordo com o ex-diretor do Museu, Lourenço Luís Lacombe e Álvaro Cotrim, paga anos mais tarde pelo governo brasileiro (SANTOS, 2006). A terra ficou de herança para o jovem Imperador D. Pedro II, que estudou a construção da primeira cidade planejada das Américas (GREGÓRIO, 2009) e de 1845 a 1889, sua residência de verão em estilo neoclássico, hoje o Museu Imperial (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>3</sup>.

Para que a construção pudesse ser iniciada, em 16 de março de 1843 D. Pedro II assinou o Decreto Imperial nº155 criando, então, a Cidade de Petrópolis, a qual até hoje relembra seu passado nas ruas, praças, restaurantes e hotéis (Figura 3). Retomava também os planos de seu pai D. Pedro I, estabelecendo a construção do Palácio, suas dependências e seus jardins, bem como o aforamento da terra, o levantamento de uma Igreja em homenagem a São Pedro de Alcântara - padroeiro do Império e do Imperador - o loteamento e urbanização de terrenos do entorno do Palácio, a construção de um cemitério, cobrança de foros imperiais dos moradores, além da expulsão dos que ali viviam irregularmente (RABAÇO, 1985).

**Figura 3**  
**PLANTA DE PETRÓPOLIS, 1846**



Fonte: SODRÉ, 1943, p. 177.

<sup>3</sup> Extraído da seção **Histórico & Personagens**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-a-personagens/2051-historico-a-personagens.html>>. Acesso em: 22 mar 2013.

De acordo com este decreto, coube ao Major Julius Friedrich Koeler, homenageado em Petrópolis com uma rua que leva seu nome, a missão de construir o Palácio e a Cidade, bem como colonizar a região. Foi ele o responsável por levar um grande número de imigrantes europeus, em sua maioria alemães, para abrir os caminhos da localidade, motivando-os a registrar características de sua cultura em diversas construções (ANGELO, 2012). Um periódico do período apresentava o que acontecia na Cidade àquela época: “Petrópolis anima-se. A imigração da corte aumenta de dia para dia; as casas alugam-se, os hotéis enchem-se, e os divertimentos se sucedem como as trovoadas [...]” (SILVA, 1990, p.22).

Koeler foi responsável pela elaboração do projeto inicial do Palácio, entretanto, após seu falecimento, Cristóforo Bonini modificou-o acrescentando o pórtico de granito ao corpo central. Dois importantes arquitetos ligados à Academia Imperial de Belas Artes foram contratados para a conclusão da obra: Joaquim Cândido Guillobel e José Maria Jacinto Rebelo, e para a decoração Manuel Araújo Porto Alegre (SANTOS, 2006).

O jardim foi planejado e executado pelo paisagista Jean-Baptiste Binot, na década de 1850, seguindo orientações do próprio Imperador. Em 1854 foram colocados os assoalhos e esquadrias em madeiras de lei, como jacarandá, cedro, pau-cetim, pau-rosa e vinhático, provenientes das mais diversas províncias do Império, e o piso do vestíbulo em mármore de Carrara preto vindo da Bélgica (SANTOS, 2006). Além desses, os estuques das salas de jantar, de música, os quartos de dormir, entre outras dependências tornam o Palácio um dos monumentos arquitetônicos mais importantes do Brasil e que até hoje mostra sua imponência aos visitantes (Figura 4).

**Figura 4**  
**FOTOGRAFIA DA FACHADA PRINCIPAL DO PALÁCIO DE PETRÓPOLIS,**  
**TIRADA POR VOLTA DE 1860**



Fonte: BRASIL, 1941, p. 209.

Segundo a autora, ainda que fosse vista como uma edificação modesta para um Imperador, não se comparando à grandiosidade da residência em São Cristóvão, se destacava como símbolo de realeza, especialmente para D. Pedro II, reconhecido como um homem simples e ao mesmo tempo um aristocrata capaz de agir com autoridade. Até hoje a cidade convive com uma parte da história do Brasil, seja pelo próprio Museu Imperial, a Catedral que homenageia o padroeiro do Império no Brasil, as construções da época, as ruas que ainda mantém algumas de suas estruturas de outrora ou pelas vitórias<sup>4</sup> em frente ao Museu, conduzidas por homens vestidos à época. A cidade aprendeu a viver assim e não se cansou: “Este vínculo entre o Museu e seu prédio, entre este e a cidade, entre Petrópolis e Pedro II, é parte do meu argumento de que o Museu Imperial é um museu que nos remete continuamente ao passado” (SANTOS, 2006, p.93).

D. Pedro II sempre gostou muito de sua residência de verão e passava longas temporadas na cidade. Temporadas estas que tornaram a ser chamadas de veraneios, e foram seguidas, inclusive, pelos presidentes e políticos da República durante um longo período. A Cidade deve sua existência à residência do Imperador, assim como a própria edificação também só existe por causa da Cidade, a qual agradou pai e filho.

---

<sup>4</sup> Espécie de carruagem de quatro rodas e descoberta (MICHAELIS, [s.d.], doc. eletr.).

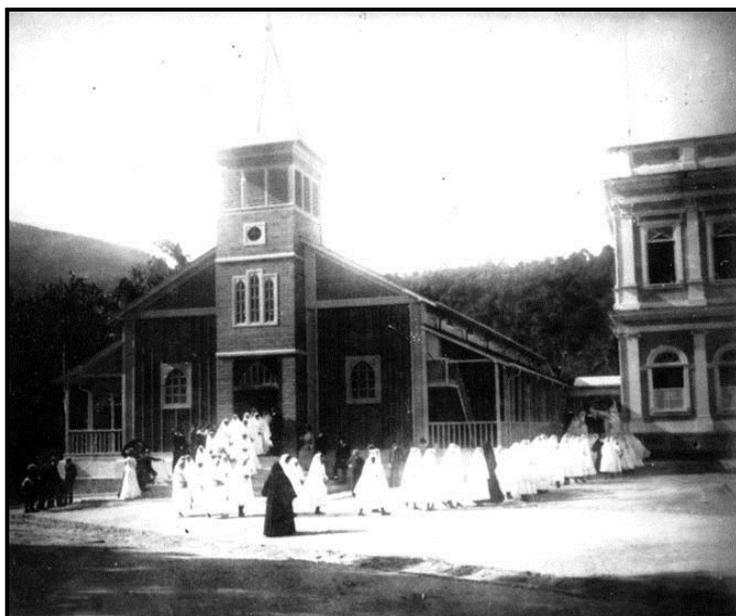
Em 15 de novembro de 1889, com a proclamação da República, a Família Imperial foi banida e se exilou na Europa. No final deste mesmo ano D. Tereza Cristina faleceu em Portugal e em 1891 D. Pedro II, em Paris.

## 2.2 Do Palácio ao Museu

Após o exílio e a morte de seus pais e sua irmã - a princesa Leopoldina, que falecera em 1871 - a única herdeira, princesa Isabel, alugou o Palácio de Petrópolis para o Educandário Notre Dame de Sion entre os anos 1893 e 1908. Posteriormente, entre 1909 e 1939 alugou para o Colégio São Vicente de Paulo. Cabe ressaltar que a nova atribuição do antigo Palácio como ambiente escolar exigiu diversas adaptações no edifício, bem como novas construções no terreno, como a Capela do Educandário Notre Dame de Sion (Figura 5). Conseqüentemente, grande parte dos objetos do cotidiano da Família Imperial foi transferida para outros locais.

Figura 5

### CAPELA DO EDUCANDÁRIO NOTRE DAME DE SION CONSTRUÍDA AO LADO DO ANTIGO PALÁCIO



Fonte: MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc.eletr.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Extraído da seção **Histórico & Personagens**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-a-personagens/2051-historico-a-personagens.html>>. Acesso em: 22 mar 2013.

Em 29 de março de 1940, durante o Estado Novo e no período da celebração do 119º aniversário da Independência e o 52º da República o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, criou o Museu Imperial pelo Decreto-lei nº 2.096, a fim de preservar a memória de D. Pedro II e da Monarquia no Brasil (HEIZER, 1994). O monumento tem o poder de se relacionar com a perpetuação das sociedades históricas que viveram naquele período, portanto, ao criar um Museu Imperial na casa de um Imperador é possível que boa parte daquela memória fique legitimada (SILVA, 2008). De acordo com Heizer (1994) alguns dos objetivos deste novo Museu era recolher e expor objetos e fatos pertencentes ao período dos reinados de D. Pedro I, mas principalmente de D. Pedro II, tornando realidade também o sonho de Alcindo de Azevedo Sodré, aluno apaixonado por História do Colégio São Vicente, e primeiro diretor do Museu (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>6</sup>.

É de suma importância destacar que nesta mesma época, mais precisamente final da década de 1930 e início dos anos 1940, foram criados outros três museus, o Museu das Missões em São Miguel, Rio Grande do Sul, o Museu do Ouro em Sabará e o Museu da Inconfidência em Ouro Preto, ambos em Minas Gerais – a partir do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, bem como foi instituído neste momento também o Instituto Nacional do Livro. O projeto do Estado visava se fazer cada vez mais presente na vida cultural brasileira: “Memória e Tradição caminham juntas e se constituem nos alicerces da nova nação. O passado monárquico, recuperado, marcaria o “verdadeiro” início da História do Brasil” (HEIZER, 1994, p.7).

O surgimento do SPHAN representou um marco no processo de institucionalização de uma política para o patrimônio cultural no país. Esse e outros projetos de educação e cultura, implementados pelo Estado no pós-trinta, refletiam o ideário de construção de uma identidade e cultura nacional, formulado nos anos vinte pela geração de intelectuais modernistas (JULIÃO, 2006, p. 21).

Dos itens que haviam sido distribuídos para a adaptação do Palácio em colégio, muitos foram para o Museu Histórico Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro e, em 03 de maio de 1941, foram incorporados pelo Museu Imperial. Em um artigo do volume I dos Anais do Museu Histórico Nacional, elaborado em 1940 e publicado em 1941, Gustavo Barroso,

---

<sup>6</sup> Extraído da seção **Histórico & Personagens**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-a-personagens/2051-historico-a-personagens.html>>. Acesso em: 22 mar 2013.

então diretor da instituição, realiza um balanço dos acervos transferidos para o novo museu. Dentre muitos, destacam-se:

- ✓ “Manto Imperial, de veludo verde bordado a ouro com grifos heráldicos e esferas armilares, forrado de seda amarela, e murça de papos de galo-da-serra, usado nas grandes solenidades por S. M. o Imperador D. Pedro II” (BARROSO, 1941, p.257). O manto estava guardado no Tesouro Nacional e em 14 de setembro de 1929 foi transferido para o Museu Histórico Nacional, onde também foi restaurado e agora se encontra exposto com grande destaque em uma das salas do Museu Imperial;
- ✓ “Retrato de D. Pedro II, busto, de perfil à direita, fardado com a cabeça descoberta. Pintura a óleo identificada pelo Museu Histórico como sendo de Araujo Porto Alegre” (BARROSO, 1941, p.257). O referido retrato encontrava-se no Arquivo Nacional e foi transferido no mês de setembro de 1922 para o Museu Histórico Nacional;
- ✓ “Pequeno cetro desmontável, de marfim e bronze cinzelado e dourado a fogo que S. M. D. Pedro II usava nas solenidades fora do Paço Imperial. Rematado pelo grifo heráldico da Casa de Bragança. Com o respectivo estojo” (BARROSO, 1941, p.257). O cetro estava na casa da Moeda e foi recuperado pelo Sr. Escragnolle na época em que estava organizando um pequeno museu histórico no Arquivo Nacional. Foi transferido ao Museu Histórico Nacional em setembro de 1922.

De acordo com Santos (2006), Alcindo de Azevedo Sodré liderou uma equipe técnica para pesquisar e aprender a história do edifício e localizar as peças da Família Imperial que haviam sido transferidas. Assim, o museu só pôde ser inaugurado em 16 de março de 1943 com um grande acervo de peças do período imperial no Brasil. Desde então já agregou aproximadamente 300 mil itens à sua coleção, onde muitos desses são doações dos próprios cidadãos, muitos destes petropolitanos. Dentre os ilustres doadores como Eduardo Guinle, Lineu de Paula Machado e o conde Modesto Leal, destaca-se o bisneto de D. Pedro II, o príncipe D. Pedro Carlos de Orleans e Bragança que sempre manteve uma relação com a cidade de Petrópolis e segundo um dos ex-diretores do Museu, Lourenço Lacombe, doou itens importantíssimos ao acervo do Museu, com destaque para cerca de 80 mil documentos inéditos sobre a Família Imperial que foram abertos ao público em 1948, além de dois berços dos príncipes e a carruagem de gala.

Para a autora a proposta do Museu nunca pôde ser a recriação fidedigna do cotidiano no Palácio enquanto a Família Imperial passava seus verões, visto que quase tudo o que havia ali se dispersou durante o exílio da família na Europa, mas também porque seus idealizadores não pretendiam construir um cenário histórico fundamentado cientificamente, valorizando o espírito histórico presente nas peças que estivessem em bom estado de conservação (SANTOS, 2006). Assim, neste Museu, a autora vincula a representação de história com a categoria *museu-narrativa*, uma vez que sua construção está baseada na apresentação de um passado reconfigurado, evocando uma memória que não necessariamente se vincula ao bem cultural, criando o que Meneses (1994) denomina de *teatro da memória*.

Os objetos mais expressivos do acervo do Museu são o manto, o cetro e a coroa, que junto aos demais ambientes ajudam a recriar momentos históricos da Monarquia. Ademais, o Museu não se utiliza de textos com grande conteúdo histórico, legendas explicativas sobre o acervo, pelo contrário, as informações são, basicamente, sobre os doadores dos objetos. Também não segue o pensamento atual de reconstruir o passado sob o ponto de vista do presente. Muitos dos objetos sequer fizeram parte do cotidiano de D. Pedro II, porém isso não impede de montar um discurso sobre o período:

O Museu Imperial não procura explicações; não se propõe a contar a história do Império e também não é um monumento que foi tombado para guardar a autenticidade do passado. Seu objetivo sempre foi proporcionar uma montagem do que poderia ter sido a casa do imperador (SANTOS, 2006, p.98).

Para Heizer (1994), ao preservar objetos relacionados à Monarquia brasileira e homenagear D. Pedro II, o Museu não somente se aproxima do período Imperial, mas também constrói a imagem de um monarca preocupado com as necessidades do povo e viabilizador de uma unidade nacional.

Segundo Santos (2006) três elementos são basilares no discurso da instituição: o Império, Petrópolis e o Palácio de Verão, relatando que a maior parte dos catálogos e guias sobre o Museu Imperial descrevia, em detalhes, a história da edificação do Museu, em especial no catálogo de 1947, no qual é citada a relação do Palácio com a cidade e a história de cada cômodo do local:

Dêsse [sic] mesmo domicílio, por cuja, preferência não se cansou nosso Mecenas de proclamar, repetidamente, em correspondências epistolares, partiu êle [sic] para o exílio. Seu último ato, em terras do Brasil, foi assinar a procuração referente a

Petrópolis. E de longe, sem mais esperanças de voltar, ainda escrevia a um amigo fiel: “Fale-me de Petrópolis!” (BRASIL, 1947, p.4).

Os museus estimulam a consciência dos processos de identidade e memória. Na experiência com os objetos comunicam ideias, conceitos e informações ao público. Para Almeida (1997) pensar a educação em museus é acentuar a formação crítica do visitante a sua volta, gerando motivação, curiosidade e questionamento tanto por meio de elementos cognitivos como afetivos. Meneses em seu artigo intitulado “Educação e museus: sedução, riscos e ilusões” (2000) promove uma provocação: o museu é um lugar de mais perguntas do que respostas. Neste sentido, o próximo capítulo aborda a função educativa dos museus e investiga um projeto realizado no Museu Imperial: os *Almanaques de Petrópolis*, materiais impressos produzidos pela equipe educativa da referida instituição, especialmente para alunos do ensino fundamental.

### 3 FUNÇÃO EDUCATIVA EM CENA

Diversos pesquisadores investigam a organização das atribuições das instituições museológicas. Cabral e Rangel (2008) salientam que a tríade preservação, investigação e comunicação (nesta última incluída pelas autoras a ação educativa) é constantemente destacada como pilar de sustentação do Museu. Outros autores, como Peter van Mesch (1992, [n.p.]), referencia Joseph Veach Noble (1970) para elencar as tarefas básicas do museu, como coletar, conservar, estudar, interpretar e exhibir, identificando-as como entidades da ação museográfica: “são como os cinco dedos de uma mão, independente cada um, mas unidos por um propósito comum”. Assim, nesse processo de musealização do patrimônio cultural cabe aos museus o comprometimento com a produção de conhecimento e o diálogo permanente com o visitante a partir das ações educativas e socioculturais.

Nas últimas três décadas, segundo Bruno (1997), os museus vêm quebrando suas próprias barreiras, buscando novas linguagens, diferentes públicos e, principalmente, contribuindo para a democratização cultural. Assim, o que temos hoje como ação educativa em museus vem sendo modificado e proposto às instituições desde o final do século XIX. Neste período, a Europa iniciava o acesso da população ao conhecimento por meio do patrimônio e, em troca, os cidadãos seriam estimulados a acolher o nacionalismo e o espírito democrático: “A educação é um meio de formar trabalhadores, eleitores que se identifiquem com a trajetória de sua pátria e atuem no sentido de preservar sua integridade” (ALMEIDA, 1997, p. 50).

Nos museus atuais as ações educativas são de extrema importância para que seja potencializada a construção e troca do conhecimento a todos os públicos. A dimensão educativa, segundo Pereira (2010) está presente desde o surgimento do museu e assim permanecerá em todos os momentos, já a sua função educativa está relacionada à necessidade “de uma institucionalização das práticas educativas realizadas” (PEREIRA, 2010 p.19). A trajetória da educação em museus está relacionada com o projeto de sua instituição, sendo assim, a educação nestes espaços é um reflexo do momento em que se está vivendo, especialmente quando há mudanças políticas e sociais.

O autor Claiton Marcio da Silva (2008) estabelece uma analogia entre o patrimônio histórico e o livro quando analisa a apropriação do bem cultural: o livro está sujeito a diversas leituras e interpretações, entretanto só cumpre seu papel quando há um leitor debruçado sobre

suas páginas; neste sentido, os leitores são fundamentais para que a história seja contada. É possível estabelecer correlações na relação dos sujeitos com o patrimônio, em especial no âmbito dos museus: as exposições museológicas são discursos criados com intenção de comunicar conceitos e informações ao público visitante, tendo como veículo específico os objetos, que “são mobilizados diferencialmente por grupos sociais para poder partilhar as ideias, significados e valores” (MENESES, 2009, informação verbal). Uma das ações que dinamiza a sociabilização dos discursos e apropriações é a ação educativa, buscando acentuar no visitante seu espírito crítico em relação a sua realidade e daqueles que estão a sua volta (ALMEIDA, 1997).

No caso brasileiro, quando se investiga os públicos assíduos nos museus, o escolar tem uma representatividade significativa, sendo como no caso do Museu Imperial uma presença expressiva. Conseqüentemente, muitos projetos educativos em museus são elaborados para este público. Mas cabe ressaltar que a articulação entre ambos vai além de um complemento: as experiências com os objetos geradas no museu potencializam uma experiência singular a partir da cultura material, sendo a instituição museológica uma parceira no diálogo e construção de conhecimentos:

Um trabalho educativo que constrói fruidores sensíveis e propõe um novo olhar para as coisas corriqueiras - que podem ir além dos nossos referenciais - privilegia o diálogo entre o visual e o verbal na tentativa de compreender os processos e as relações oferecidas (GANZER, 2005, p.87).

Magda Livramento (2005) relata em seu texto “Ampliando meu repertório vivencial, viajando e entrando no museu” a experiência e a sensação de sair de sua cidade e visitar dois museus de arte: a Pinacoteca e o Museu de Arte Contemporânea, ambos localizados na cidade de São Paulo, e poder observar obras de grandes artistas como Rodin, Miró, Tarsila do Amaral, além apreciar novos pintores e estilos artísticos. Arrisco-me em afirmar que para diversos visitantes, entre eles o escolar, se descolar até Petrópolis (ou no caso dos moradores decidir entrar no Museu Imperial) e se deparar com objetos que até então eram conhecidos pelas reproduções dos livros escolares, como a coroa de D. Pedro I, é uma vivência marcante.

Para Livramento (2005) sua visita envolveu mais do que a visão, mas os sentimentos, os sentidos, a curiosidade e o prazer. O prédio onde as obras estão expostas também agrada o visitante e cria expectativas sobre o seu imaginário. Segundo Almeida e Lopes (2003, p.144) “os diferentes aspectos da experiência museal [...] possibilitam o aperfeiçoamento dos

programas dos museus voltados ao público, à ampliação do público e à maior frequência de visitas aos museus”. Deste modo, Falk e Dierking (1992 *apud* ALMEIDA; LOPES, 2003) apontaram três contextos presentes nas visitas aos museus que, somados, constituem a experiência museológica: o contexto pessoal, marcado por conhecimentos e atitudes que ocorrem anterior e posteriormente à experiência da visita; o sociocultural, que envolve o modo como caminhamos pelos espaços e interagimos com os demais presentes na visita - sejam eles do mesmo grupo ou não do visitante, colaboradores do museu ou qualquer outra pessoa que esteja presente durante o percurso; e o contexto físico, relacionado ao prédio do museu e seu entorno, as técnicas museográficas e o trajeto expositivo proposto, entre outros ambientes que o visitante poderá relacionar-se. Posteriormente, os autores ainda incluíram na experiência museológica a dimensão temporal, considerando que a aprendizagem é um processo que ocorre em diferentes tempos para cada pessoa.

Portanto, os museus históricos, como o Museu Imperial, são capazes de influenciar e motivar seus visitantes pela sua construção grandiosa, por seus acervos ricos em história e ornamentos, pelos os corredores com pouca incidência de luz e com móveis ao longo do caminho, além do público diversificado que frequenta o local: turistas solitários ou com a família, moradores da cidade, estudantes, curiosos. Estes tipos de museus relembram fatos históricos e constroem, a cada visita, novas histórias do cotidiano da instituição, da cidade e das pessoas que ali passaram. Porém, embora estas instituições sempre tenham se comprometido salvaguardar uma história, poucas foram as que preservaram os seus próprios registros.

Tendo nesta investigação por ênfase as ações educativas, é possível destacar que diversos materiais educativos dos museus se perderam no tempo e assim, não há muitas publicações que se possa analisar - é um desafio investigar este recorte da trajetória institucional. Acredita-se que durante a década de 1980 era recorrente fichas didáticas, possivelmente mimeografadas, pensadas pelo próprio setor educativo dos museus para aproximar o público com a exposição. Segundo Costa (2008), em muitos materiais deste período eram utilizados recursos gráficos com função apenas estética. Não havia uma intensa preocupação educacional entre a relação da ilustração e o conteúdo apresentado. Além disso, os questionamentos eram basicamente sobre memorização e cópia como, por exemplo, responder a algumas questões que possivelmente foram mencionadas durante a visita ou fazer uma reprodução da fachada da edificação. Os materiais impressos tornaram-se mais

sofisticados a partir dos anos 1990 com o uso de policromia e papéis de melhor qualidade. As equipes pedagógicas passaram a adotar termos menos técnicos e diálogos com o leitor.

Assim como os museus passaram por transformações ao longo de sua existência, o mesmo ocorreu com os setores educativos e seus projetos. No decorrer de sua história o Museu Imperial desenvolveu diferentes ações educativas e nos últimos anos diversos projetos foram (e são) planejados para todas as faixas etárias visando abordar, a partir de recortes temáticos, o contexto do Período Imperial e o atual, especialmente da cidade de Petrópolis.

### 3.1 Os projetos educativos do Museu Imperial

Segundo a equipe do Museu Imperial, as atividades pedagógicas oferecidas pela Instituição levam em consideração a geração do conhecimento por meio da observação e questionamentos a partir do patrimônio cultural. Desde modo, por exemplo, as experiências que o Museu proporciona ao seu público buscam capacitar e sensibilizar quanto às relações entre os aspectos do século XIX com a vida contemporânea:

O trabalho pedagógico desenvolvido pelo Setor de Educação do Museu Imperial tem como meta levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento crítico, de apropriação consciente e conseqüente valorização de sua herança cultural, tendo em vista o fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. Para tanto, a ação educativa acontece de forma a instigar o indivíduo a compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>7</sup>.

Na década de 1980 o Museu Imperial, a partir das propostas de Maria de Lourdes Parreiras Horta, contribuiu para a introdução da educação patrimonial no Brasil e, segundo Evelina Grunberg (2000), o I Seminário de Uso Educacional de Museus e Monumentos, em 1983, realizado no Museu, foi um grande marco desta etapa da história dos museus no Brasil. Maria de Lourdes Parreiras Horta era a diretora do Museu durante esse período e foi de grande importância para a “divulgação dos pressupostos da metodologia” (COSTA, 2008, p. 224) e na definição da educação patrimonial como um trabalho educativo permanente baseado no patrimônio cultural como fonte primária tanto do conhecimento individual quanto coletivo:

---

<sup>7</sup> Extraído da seção **Educação**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/educacao.htmlhtml>>. Acesso em: 31 ago 2013.

Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.06).

É possível perceber as diferenças ao longo dos anos no material pedagógico oferecido pelo Museu Imperial. Na década de 1980, as chamadas fichas pedagógicas possuíam um formato que poderiam ser reproduzidas facilmente:

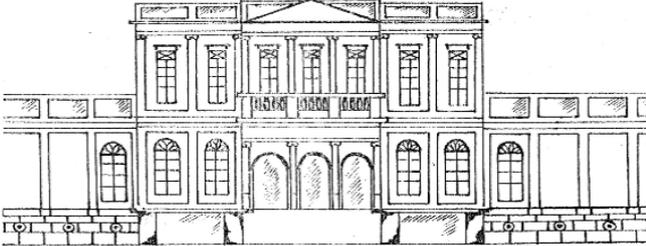
**Figura 6**

**FICHA PEDAGÓGICA DA DÉCADA DE 1980**

A Imagem do Império

Meu nome é: .....

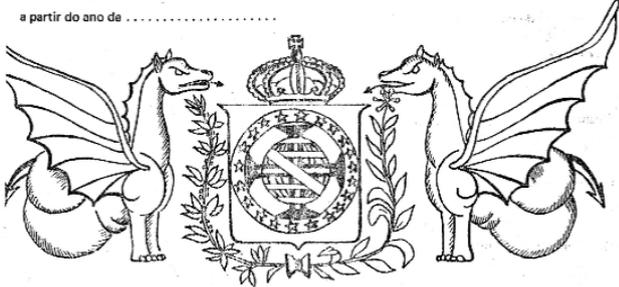
Visitei o Palácio Imperial em: .....



O que está faltando no desenho? Complete.

Este Palácio foi construído para .....

a partir do ano de .....



Estas são as armas da família .....

Os dragões são o símbolo da casa de Bragança.

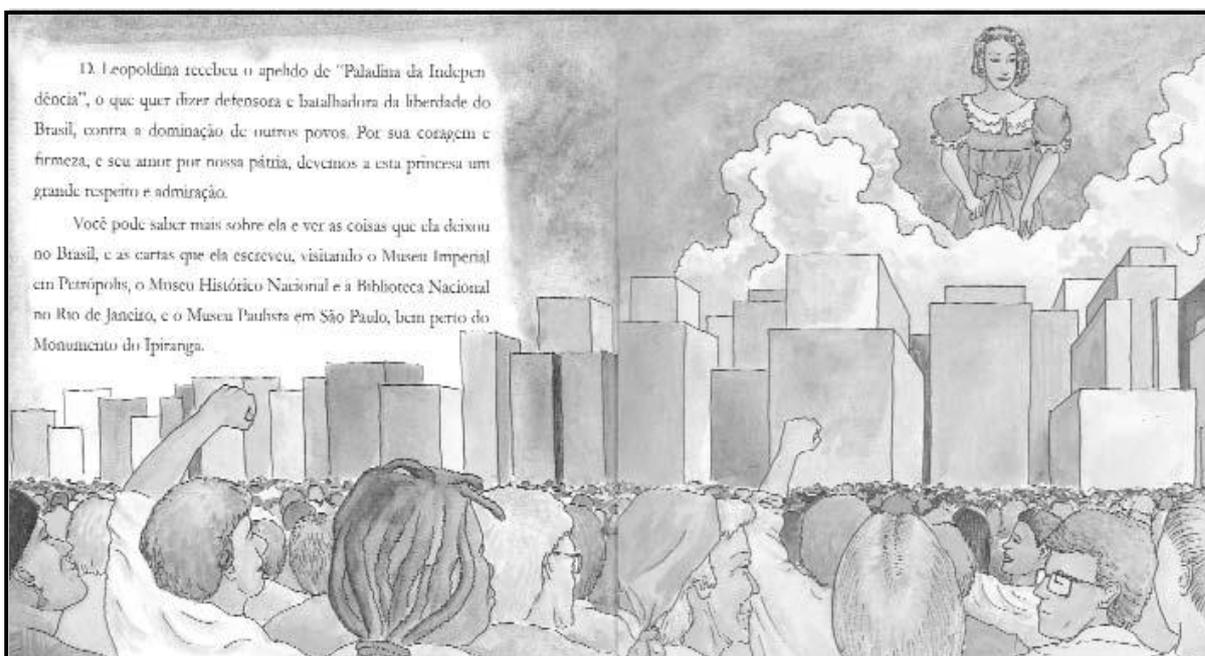
Fonte: COSTA, 2008, p. 223.

Características arquitetônicas do Palácio Imperial, bem como símbolos da Casa dos Bragança e do Império do Brasil - tendo como um dos destaques o dragão alado - ganham

ênfase nessa ficha pedagógica (Figura 6). Segundo Costa (2008, p. 225) o final deste material convida o leitor a “engrossar o grupo de admiradores da Princesa Leopoldina” não apenas por sua coragem, mas pelo amor que tinha à nossa pátria. A autora analisa a última imagem que acompanha o texto a qual a Princesa Leopoldina aparece entre as nuvens, como uma miragem à multidão que a aclama, onde se destaca a figura de um indígena, um branco e um negro entre a multidão (Figura 7): “A democracia racial sorri para o estrangeiro. O tempo presente é referenciado pelos edifícios, que separam o “povo” da imagem da Princesa. Os braços erguidos com punhos cerrados de dois personagens indicam luta. Pela liberdade. Qual liberdade?” (COSTA, 2008, p. 226).

**Figura 7**

**FICHA PEDAGÓGICA DA DÉCADA DE 1980 - PRINCESA LEOPOLDINA**



Fonte: COSTA, 2008, p. 226.

Transcrição: “D. Leopoldina recebeu o apelido de “Paladina de Independência”, o que quer dizer defensora e batalhadora da liberdade do Brasil, contra a dominação de outros povos. Por sua coragem e firmeza, e seu amor por nossa pátria, devemos a esta princesa um grande respeito e admiração.

Você pode saber mais sobre ela e ver as coisas que ela deixou no Brasil, e as cartas que ela escreveu, visitando o Museu Imperial em Petrópolis, o Museu Histórico Nacional e a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e o Museu Paulista em São Paulo, bem perto do Monumento do Ipiranga”.

Cabe ressaltar que as fichas pedagógicas eram um recurso estimulado pelo Museu. Na publicação “Guia básico de educação patrimonial” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO,

1999), referência para as ações deste viés no país, as autoras denominam este instrumento como folha didática, um material de apoio capaz de instigar as quatro etapas metodológicas da proposta educativa em questão, a saber: observação, registro, exploração e apropriação. Considerado um instrumento de orientação no processo de descoberta, deveria ser elaborada visando “a definição dos objetivos do que se pretende explorar; a linguagem adequada ao nível da faixa etária que se pretende trabalhar; as indagações objetivas de fácil compreensão; e a diagramação clara e agradável, com espaço suficiente para preenchimento” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.48).

Diversos assuntos poderiam ser propostos na folha didática. Um dos exemplos citados na publicação de grande interesse para esta pesquisa é o exemplo da folha didática da exposição “A Cidade e a Serra - Museu Imperial” (Figura 8):

Figura 8

**FOLHA DIDÁTICA DA EXPOSIÇÃO “A CIDADE E A SERRA - MUSEU IMPERIAL”**

**MUSEU IMPERIAL**  
 Museu Imperial - Petrópolis - RJ  
 Rua do Imperador, 100 - Centro - 26060-000 - Petrópolis - RJ  
 COORDENADOR GERAL: GILBERTO FERRETTI

NOME \_\_\_\_\_

**A CIDADE E A SERRA - FOLHA DIDÁTICA**

1) LOCALIZE ESTE OBJETO E COMPLETE O DESENHO:

De que material é feito?

Você sabe para que ele serve?  
 Escreva abaixo:

Se você não descobrir, não faz o site, veja a foto e faça a resposta.

2) Localize a máquina de fazer macarrão e desenhe-a  
 abaixo:

Os colonos italianos que chegaram a Petrópolis no século XIX ficaram, no seu molhar, vivenda e trabalho em Cascadilha na Companhia Petrópolisense (Indústria Têxtil).

3) O macarrão é um dos principais pratos da culinária italiana. Escreva aqui abaixo os pratos característicos de outras culturas que também participaram na formação de Petrópolis.

árabe	brunna
argentina	judeu
atlântica	portuguesa
alemã	indígena
japonês	

**RESPOSTA DO ITEM [1]**  
 O objeto é um PEGAMOSCAS. Este pertenceu a família Pitzet, de colonos alemães, e funcionava assim: Era colocado sobre a mesa, embaixo dele um prato com açúcar e dentro do vidro, um pouco de água com sabão. Desta forma as moscas atraídas pelo açúcar não conseguiam sair da garrafa, indo cair na água de sabão, afofando-se.

**Na sua casa como se matam moscas?**

**ESTAS ATIVIDADES SÃO PARA FAZER NA ESCOLA OU EM CASA**

Descubra a origem da sua família. Escreva abaixo onde seus pais e avós nasceram.

MÃE : \_\_\_\_\_ MATERNOS : AVÔ  
 AVÔ

PAI : \_\_\_\_\_ PATERNOS : AVÔ  
 AVÔ

**E VOCÊ, ONDE NASCEU?**

Peça a um familiar uma receita típica que ele faça e que você gosta muito de comer. Escreva-a aqui abaixo e diga qual a origem.

Fonte: HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.49.

Destinada aos alunos do Ensino Fundamental esta folha didática tem por proposta explorar a história da Cidade de Petrópolis por meio de atividades de observação e registro:

um exemplo é a atividade que propõe completar figuras, como o objeto pegamoscas que, de acordo com a informação apresentada, pertenceu a uma família de colonos alemães. As folhas também convidam o público a interagir com temáticas relacionadas à Cidade, como identificar e relacionar as etnias que contribuíram na formação de Petrópolis a partir da análise de pratos típicos servidos nos restaurantes e perguntas para serem feitas em casa ou na escola que envolvem o local onde o aluno, seus pais e avós nasceram.

Com o passar do tempo o Museu aumentou seu repertório de ações educativas oferecidas ao público. Atualmente diversas propostas relacionadas à educação são apresentadas, como os almanaques, saraus, visitas mediadas e demais projetos. Abaixo estão apresentados os projetos que estão até o presente momento em andamento no Museu Imperial, evidenciando a intenção e as especificidades de cada um.

O público em geral pode contemplar às sextas-feiras e sábados no próprio Museu saraus que contam, através de recursos teatrais, cantos e poesias, a história de D. Pedro II, bem como durante as noites de quinta-feira a sábado o espetáculo “Som e Luz”, projeto que narra momentos do segundo reinado sob efeitos especiais de iluminação e sonorização (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>8</sup>.

Para os alunos da Educação Infantil até o 2º ano do Ensino Fundamental foram desenvolvidos dois projetos. O “Projeto Dom Ratão” tem por objetivo introduzir e preparar o público para a visita no Museu através de um teatro de fantoches (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>9</sup>; já o projeto “Um Verão no Palácio Imperial”, também baseado no recurso de fantoches, apresenta os personagens da Família Imperial e suas atividades no Palácio. Ao término das atividades os visitantes conhecem os espaços expositivos que foram mencionados (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>10</sup>.

A fim de estimular alunos do 5º ao 7º ano do Ensino Fundamental, a equipe do Setor Educativo desenvolveu a “Caixa das Descobertas” (Figura 9). Neste projeto os alunos são convidados a abrirem uma grande caixa a fim de explorarem a trajetória de um objeto de uso comum: a caneta.

---

<sup>8</sup> Extraído da seção **Som e Luz**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/som-e-luz.html>>. Acesso em: 17 out 2013.

<sup>9</sup> Extraído da seção **Projeto “Dom Ratão”**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/educacao/104-projeto-qdom-rataoq.html>>. Acesso em: 04 out 2013.

<sup>10</sup> Extraído da seção **Um verão no Palácio Imperial**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/educacao/106-projeto-qum-verao-no-palacio-imperialq.html>>. Acesso em: 04 out 2013.

**Figura 9**  
**CAIXA DAS DESCOBERTAS**



Fonte: Fotografia cedida pelo Museu Imperial, 2013.

Dentro da grande caixa há outras quinze menores e cada uma contém um instrumento de escrita e seus acessórios (Figura 10). A intenção é que todos os objetos possam ser retirados e explorados para que a experiência torne-se, assim, mais lúdica e prazerosa. As crianças são apresentadas à história da escrita desde o carvão, na Pré-História, até o computador e diversas perguntas são feitas para que as respostas sejam encontradas em conjunto através da investigação e da leitura de textos, também disponíveis nas caixas. Cada objeto é colocado em uma linha do tempo para que seja visível as transformações até os dias atuais (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Extraído da seção **Caixa das descobertas**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/educacao/117-projeto-qcaixa-das-descobertasq.html>>. Acesso em: 04 out 2013.

**Figura 10**  
**ESTUDANTES NO PROJETO CAIXA DAS DESCOBERTAS**



Fonte: Fotografia cedida pelo Museu Imperial, 2013.

O Museu oferece visitas mediadas ao público do Ensino Fundamental, Médio e Superior e propõe que esse perceba, analise e compare os objetos expostos a fim de compreender o contexto ao qual estavam inseridos: desde aspectos sociais, políticos, econômicos, históricos e até mesmo tecnológicos da época (MUSEU IMPERIAL, [s.d.], doc. eletr.)<sup>12</sup>.

O Setor de Educação também promove atividades temáticas que buscam auxiliar as exposições de curta duração e itinerantes, além do “Projeto Petrópolis”, que ocorre anualmente e está relacionado a um dos pontos da missão do Museu: constituir-se como referência nacional do estudo e da reflexão da história do Brasil Imperial e da história da Cidade de Petrópolis em particular. Desta forma um tema é escolhido para que o público escolar do município conheça melhor uma parte de sua história, a partir do estímulo à valorização e o sentimento de preservação da Cidade. Este projeto é destinado aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

---

<sup>12</sup> Extraído da seção **Visitas mediadas**, do site institucional do Museu Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/educacao/102-visitas-mediadas.html>>. Acesso em: 04 out 2013.

Entre as ações propostas, cabe ressaltar também os “Almanaques de Petrópolis”, os quais constituem uma série de três volumes educativos publicados e distribuídos aos professores e alunos que participam do “Projeto Petrópolis”. Devido ao grande interesse por parte dos demais públicos a equipe do Museu ampliou seu acesso disponibilizando-os no meio virtual<sup>13</sup> até a presente data. Deste modo são eles, em especial o primeiro volume “Uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial” do ano de 2008, o objeto de estudo do subcapítulo seguinte.

### **3.2 Formatos e intenções: refletindo os materiais educativos**

Desde 2008 até o ano de 2012 o Museu Imperial elaborou três volumes de materiais educativos, editados a cada dois anos, para serem distribuídos entre o público escolar que faz parte do “Projeto Petrópolis”; atualmente, são também disponibilizados *online* no site da instituição. Com o título “Almanaque de Petrópolis” os volumes, de acordo com Regina Helena de Castro Resende - responsável pelo Setor de Educação do Museu - foram desenvolvidos a fim de divulgar os acervos documentais, museológicos e iconográficos que têm relação com a história de Petrópolis.

Cada um dos Almanques é criado a partir de uma temática específica e um roteiro de assuntos a serem explorados. Com o roteiro finalizado é iniciado o processo de pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica e de peças do acervo museológico, que serão as bases do material educativo a ser concebido. A concepção do projeto conta com apoio de diversos setores da Instituição, como a Direção e a Coordenação Técnica, além dos responsáveis pelo Arquivo Histórico, Biblioteca e Museologia no acesso ao acervo. Também há o trabalho realizado em parceria com o programador visual (RESENDE, 2013, doc. eletr.).

De acordo com a entrevistada, a riqueza de partes importantes da história de Petrópolis está presente no acervo documental e iconográfico do Arquivo Histórico e da Biblioteca do Museu Imperial, entretanto sua disponibilidade ainda é vista de forma sacralizada por alguns professores. Assim, os Almanques estimulam que este acervo seja mais acessível por meio de atividades educativas relacionadas sobre o assunto, como caça-palavras, curiosidades,

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.museuimperial.gov.br/>. Acessar a seção **Serviços Online** → **Publicações online** → **Almanaques**.

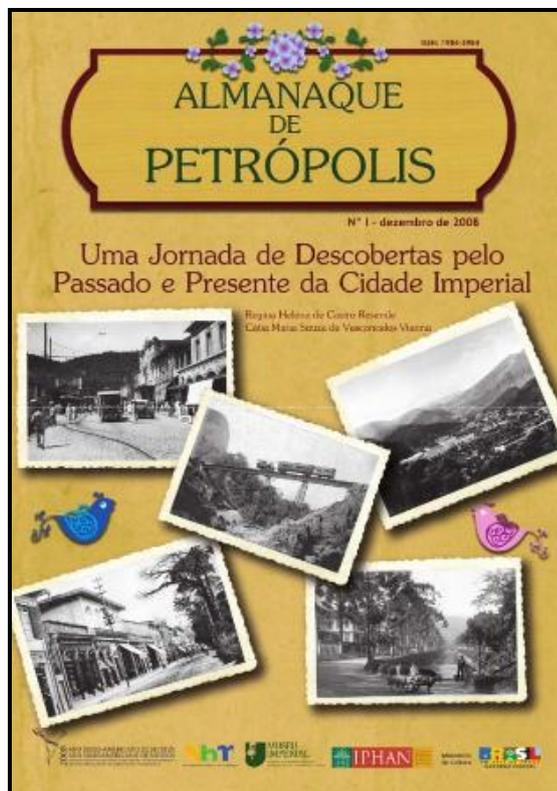
passatempos, questões para serem refletidas e textos sobre o conteúdo histórico, tornando-se uma fonte de pesquisa tanto para os alunos quanto professores. Ademais, o documento escrito torna-se mais leve e agradável quando está inserido no Almanaque, sua leitura não precisa ser linear e permite que os alunos façam comparações, de forma crítica, entre o passado e o presente: é um auxílio para que o público compreenda sua comunidade e seus aspectos “através do olhar para o passado relacionado com o presente e projetado para o futuro” (RESENDE, 2013, doc. eletr.).

Comparados às folhas didáticas, percebemos grandes mudanças: o número de páginas aumentou, há uma explosão de cores, a diagramação e os textos se modificaram e a proposta tornou-se mais elaborada, pois convida o leitor a entrar na história e participar das atividades propostas. Por seu formato mais dinâmico, um dos objetivos destes materiais é que os alunos conheçam e descubram a história de Petrópolis por meio da experiência direta com o acervo do Museu Imperial. Por isso, os volumes foram elaborados para serem utilizados tanto no Museu, de forma pontual, quanto em sala de aula e em casa, quando os alunos podem dar continuidade à descoberta do que foi visto no espaço expositivo.

O primeiro Almanaque, publicado em dezembro de 2008 e intitulado “Uma Jornada de Descobertas pelo Passado e Presente da Cidade Imperial” (Figura 11), apresenta um panorama histórico de Petrópolis durante o século XIX. Os temas abordados, tais como a fundação, a colonização, os aspectos culturais, sociais e econômicos da Cidade são comparados aos dias atuais a partir do acervo do Museu.

Figura 11

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. CAPA.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, capa.

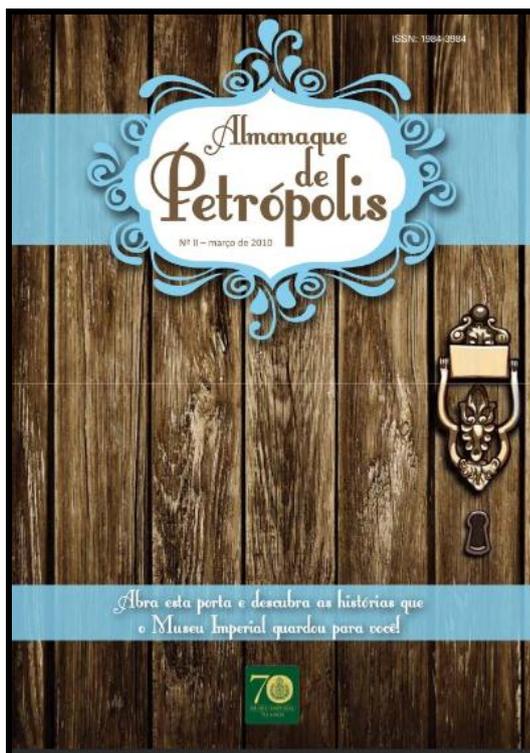
Por se tratar de um assunto diretamente relacionado com a história do Museu, a cidade foi o tema eleito para inaugurar as edições dos Almanques em conjunto com uma exposição de curta duração montada. Este volume foi desenvolvido por Regina Helena de Castro Resende e Cátia Maria Souza de Vasconcelos Vianna, responsáveis pelo Centro de Educação Patrimonial do Museu - que desde 2009 passou a ser chamado de Setor de Educação.

Na época do aniversário de 70 anos do Museu Imperial foi elaborado o segundo Almanaque - “O Palácio Imperial” (Figura 12). Este conta a construção do Palácio e aborda temas comuns do século XIX ao longo de 60 páginas. Também foi elaborado por Regina Helena de Castro Resende e Cátia Maria Souza de Vasconcelos em março de 2010. A Cidade cresceu em volta do Palácio e isto gera uma relação “quase que umbilical”, de acordo com Regina Resende. Consequentemente este é um tema importante para contar a história da Cidade. Este segundo volume, então, se volta para contar a história do Palácio desde a compra da terra por D. Pedro I até uma análise da edificação construída a pedido de D. Pedro II. Há

curiosidades, fotografias e a contextualização do modo de vida da Família Imperial no Palácio.

**Figura 12**

**ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS - O PALÁCIO IMPERIAL. CAPA.**



Fonte: ALMANAQUE, 2010, capa.

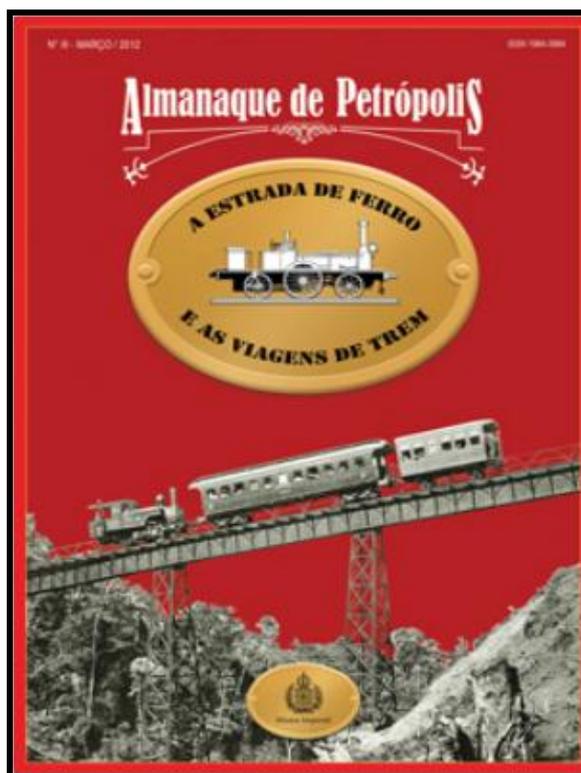
A escolha do tema para o terceiro volume - “A Estrada de Ferro e as Viagens de Trem” (Figura 13) - foi motivada por um projeto de reativação da estrada de ferro que ligou a cidade do Rio de Janeiro a Petrópolis durante 81 anos e que contribuiu de forma significativa para a história da Cidade. Este projeto foi idealizado por alguns segmentos da sociedade petropolitana e contou com o apoio do Museu, de acordo com Regina Resende, uma das elaboradoras do volume juntamente com Carolina Moreira da Silva Knibel em março de 2012.

Através de parte do acervo do Museu este Almanaque vai além do contexto Imperial e desenvolve um discurso sobre a história desta ferrovia e a importância de sua reativação para o desenvolvimento sustentável da Cidade (RESENDE, 2013, doc. eletr.). Como os demais,

este também possui fotografias, desenhos e propõe atividades para que o leitor seja capaz de colocar em prática os conhecimentos obtidos.

**Figura 13**

**ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS - A ESTRADA DE FERRO E AS VIAGENS DE TREM. CAPA.**



Fonte: ALMANAQUE, 2012, capa.

Embora a breve apresentação dos três volumes do Almanaque de Petrópolis, é possível destacar um ponto em comum nas diferentes abordagens: de forma direta ou indireta, o vínculo entre a Cidade e o Museu está expressa como uma potencialidade que permitiu (e permite) a ambos uma trajetória singular.

No presente trabalho, para um maior aprofundamento foi selecionado o primeiro volume dos Almanques, pois o mesmo explora por meio de atividades, indagações e textos informativos as percepções que caracterizam a Cidade Imperial, desde o encantamento, ou paixão - como o próprio material enfatiza - de D. Pedro I e da Família Imperial pela região serrana do Rio de Janeiro, até os aspectos da colonização de Petrópolis, evidenciando personagens e atividades comerciais que contribuíram para a formação da Cidade. No final

deste Almanaque é proposto ao leitor um questionamento enfático: o que poderia ter acontecido com a região da antiga Fazenda do Córrego Seco caso os Imperadores não tivessem passado pelo local? Não tendo como responder a esta indagação, apresenta um calendário que destaca as datas significativas da História de Petrópolis.

Ao longo de 40 páginas, o Almanaque “Uma Jornada de Descobertas pelo Passado e Presente da Cidade Imperial” aborda a trajetória da Cidade de Petrópolis e traz atividades educativas sobre o assunto tratado. Logo no início, Petrópolis é apresentada, bem como a conhecida relação de afeto da Família do Imperador com a região (Figura 14).

**Figura 14**

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. HISTÓRIA DE PETRÓPOLIS.**

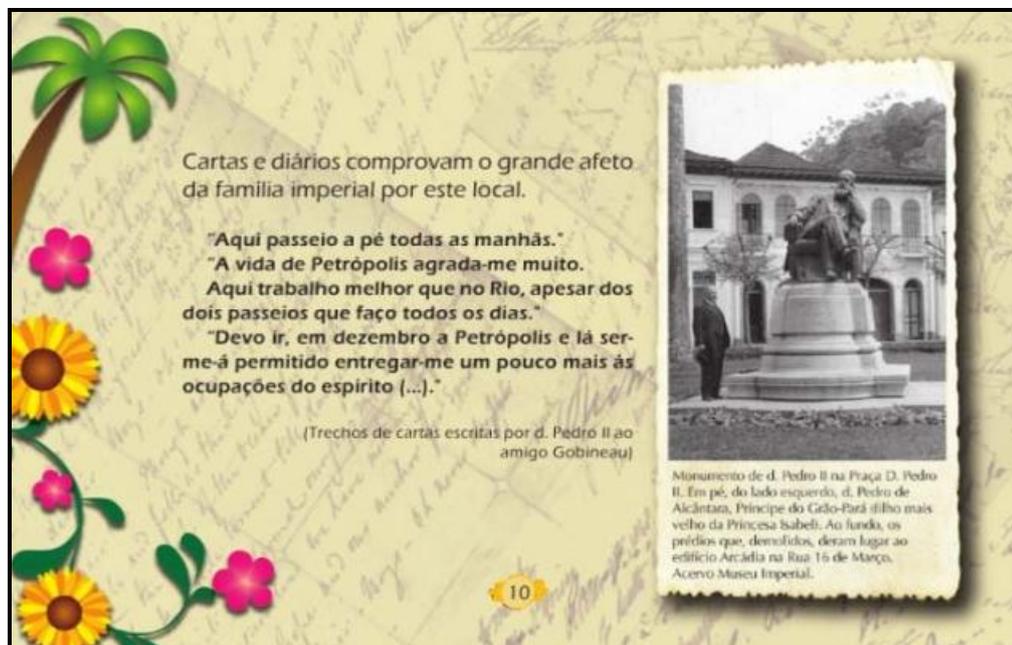


Fonte: ALMANAQUE, 2008, p. 6.

Segundo o material educativo há registros que comprovam que o Imperador se agradava imensamente com o local escolhido para ser sua residência de verão, apresentando como um destes documentos o trecho de uma das muitas cartas que D. Pedro II enviou a um de seus amigos sobre essa afeição (Figura 15), bem como a escultura de D. Pedro II localizada no centro de Petrópolis, inserida na mesma página como um monumento de destaque:

Figura 15

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. IMPERADOR E CIDADE.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, p.10.

Transcrição: Cartas e diários comprovam o grande afeto da família imperial por este local. "Aqui passeio a pé todas as manhãs." "A vida de Petrópolis agrada-me muito. Aqui trabalho melhor que no Rio, apesar dos dois passeios que faço todos os dias." "Devo ir, em dezembro a Petrópolis e lá ser-me-á permitido entregar-me um pouco mais às ocupações do espírito (...)." (Trechos de cartas escritas por d. Pedro II ao amigo Gobineau).

Petrópolis foi colonizada por imigrantes portugueses, franceses, ingleses, italianos, suíços e africanos, mas o maior contingente foi o de alemães. Assim, o Almanaque enfoca com maior ênfase a contribuição deste grupo na história petropolitana. Discorre sobre a importância do trabalho destes colonos antes mesmo da fundação da Cidade nas obras da Estrada da Serra da Estrela, que facilitaram o acesso das carroças que por ali passavam e, atualmente, na herança gastronômica que está presente nas padarias e restaurantes. Apesar da forte influência europeia, também nos é apresentada a cultura indígena ainda presente nos nomes de alguns rios e bairros, como Itaipava - elevação de pedra - e Piabanha - peixe manchado (ALMANAQUE, 2008).

Além da apresentação dos alemães como uma importante força de trabalho para o acesso e construção da Cidade - segundo o Almanaque que os descreve como povo dedicado, determinado e caprichoso -, páginas são destinadas para também valorizar a sua presença na Cidade, em especial pelas suas contribuições culturais. Sobre este tema, podemos citar a

característica festiva, evidenciando bailes, piqueniques e destaques históricos, como a primeira banda criada em 1896.

É interessante observar o modo como os temas abordados são articulados com a Família Imperial: a partir das festas do povo alemão, o Almanaque relaciona o assunto com o trecho Hino do Município de Petrópolis e a observação que a maior festa da colônia era a recepção da Família Imperial, abrindo a temporada de verão. Atualmente ocorre em todos os anos a *Bauernfest*, a festa que homenageia o colono alemão (Figura 16). Cabe ressaltar o trecho do Hino, pois ele evidencia um importante conceito agregador: a tradição.

Petrópolis, tens do passado gloriosas tradições.  
Petrópolis, cultura e fibra de homens de outras nações,  
que lutaram e criaram as riquezas,  
guardaram as belezas que devemos defender (ALMANAQUE, 2008, p.12).

**Figura 16**

**ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS – UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. REGISTROS DA PRESENÇA ALEMÃ NA CIDADE EM 1870 E NOS DIAS ATUAIS.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, p.11-12.

Outro tema destacado neste Almanaque são as estradas de ferro. Embora sejam abordadas com maior intensidade no terceiro volume desta série, percebe-se uma preocupação em explorar este assunto já no primeiro material elaborado. Através de informações sobre os longos trajetos e as dificuldades enfrentadas pelos cidadãos que viajavam à Petrópolis durante o século XIX o Almanaque apresenta um histórico deste período e do preparo que a Cidade deveria ter para receber diversos visitantes durante o verão. Como exemplo da infraestrutura

desenvolvida é citado o elegante Grande Hotel Bragança, que possuía 92 quartos e promovia diversos bailes, recitais e até saraus frequentados pelo próprio D. Pedro II. O Almanaque também sugere uma atividade para se referir ao longo deslocamento até a cidade: vencer os obstáculos de um labirinto para chegar à cidade imperial (Figura 17).

A preocupação em preservar a memória das pessoas que fizeram e fazem parte da história de Petrópolis é nítida em diversos tópicos deste primeiro volume. Há diversas fotos antigas e pequenos quadrinhos com sugestões como: pergunte aos seus avós como era a Cidade. Do mesmo modo, os personagens que dão nome a diversas ruas, como o Major Koeler e o mordomo Paulo Barbosa, são descritos como se estivessem entrelaçados à própria história da Cidade. Também são apresentados os dois imperadores do Brasil, D. Pedro I e D. Pedro II, a Princesa Isabel, o Visconde de Mauá, Conde d'Eu, Oswaldo Cruz e Washington Luis - presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1926 a 24 de outubro de 1930.

**Figura 17**

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. LABIRINTO.**



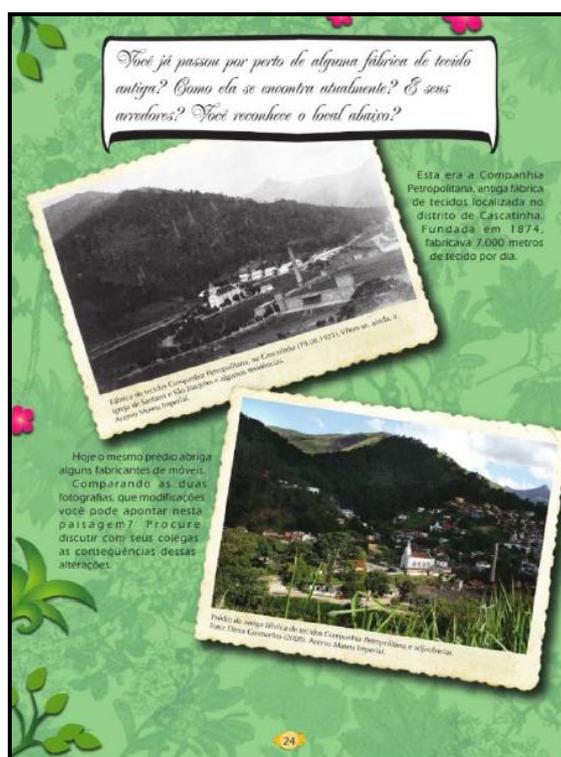
Fonte: ALMANAQUE, 2008, p.19.

Além das pessoas, diferentes empreendimentos contribuíram para o desenvolvimento da Cidade e, hoje, compõem seu caráter singular. De acordo com o Almanaque, no ano de 1861 havia seis fábricas de cerveja na Cidade. Importante destacar a importância destas fábricas, especialmente da Cervejaria Bohemia, fundada por Henrique Kremmer, e das

fábricas de tecido que contribuíram para a geração de empregos para diversos petropolitanos. Assim como outras atividades do material, a respeito das fábricas têxteis há duas fotografias de períodos diferentes para serem analisadas e comparadas entre si (Figura 18), além de uma breve explicação sobre as condições de trabalho nestes locais no período de 1885. De acordo com informações contidas no Almanaque, a antiga Imperial Fábrica de São Pedro de Alcântara empregava por volta de 200 operários, dentre estes homens, mulheres e crianças. Para o debate sobre a utilização de crianças como mão de obra traz dados recentes sobre o trabalho infantil no Brasil, como uma pesquisa realizada em 2004 que aponta que 5,3 milhões de crianças e adolescentes brasileiros estão trabalhando no País.

**Figura 18**

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS – UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. COMPARAÇÃO ENTRE DOIS PERÍODOS HISTÓRICOS DE UMA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDO.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, p.24.

Além das fábricas, Petrópolis também contava com hospitais, colégios, serviços de telefonia, aluguel de carros, entre outros. Segundo o Almanaque, no ano de 1852 havia seis escolas públicas para a instrução primária na Cidade. Destas, três eram de idioma alemão para

tender os filhos dos colonos, e as outras três em português. A população contava ainda com seis escolas particulares, sendo o Colégio Kopke o primeiro e mais conhecido. A esse respeito o Almanaque evidencia, sob o título “Você sabia?”, que o ensino básico deste período tinha três anos de duração e além de matérias como português, aritmética e caligrafia, as aulas de costura faziam parte da rotina escolar das meninas. Outra informação de destaque é que o Hospital Santa Teresa, fundado em 1876, recebeu este nome em homenagem à Dona Teresa Cristina, e foi construído para que os mais pobres fossem atendidos.

O cuidado em fazer o leitor pensar sobre os monumentos e a história da Cidade também é perceptível: ao mencionar que, em 29 de setembro de 1857, Petrópolis foi elevada à Cidade sem nunca ter sido uma vila por meio de uma proposta do deputado Amaro Emílio da Veiga, o Almanaque sugere ao leitor refletir se ele conhece algum monumento que tenha sido erguido para comemorar este fato.

Indo ao encontro com a proposta de tornar o Museu um local mais acessível, bem como seu acervo, a questão do tombamento de bens culturais é um tema sugerido ao leitor. O diálogo utiliza diversos exemplos do que pode ser um potencial item tombado para mostrar que mesmo uma fotografia - objeto presente na casa de muitos brasileiros - pode ser um patrimônio. Igualmente um fenômeno da natureza, como uma cachoeira, também pode ser tombado caso os órgãos responsáveis avaliem e considerem sua importância. No final, há o desafio de encontrar a origem da palavra “tombamento”:

O tombamento é uma forma de proteger todos os bens que tenham valores históricos, culturais, arquitetônicos, ambientais e também afetivos para seu povo. Podem ser tombados: edifícios, ruas, praças, cidades, florestas, cachoeiras, fotografias, livros, móveis, utensílios, obras de arte etc. No Brasil, o tombamento pode ser feito pelos governos federal, estadual e municipal, através de órgãos específicos para isso, como é o caso do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e do INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). Agora um desafio: pesquise e descubra a origem da palavra “tombamento” (ALMANAQUE, 2008, p. 33).

Percebe-se que o Almanaque além de abordar a história da Cidade, busca mostrar a quem o lê as transformações ocorridas durante os anos, até 2008. Do mesmo modo que as cidades e a cultura se modificam, a ortografia também. A esta questão há um desafio ao leitor: ler o que está escrito em um antigo letrado de Petrópolis. Ainda recuperando o que vem sendo transformado no nosso cotidiano, alguns dos antigos objetos feitos de modo artesanal e pertencentes ao acervo do Museu têm sua história contada em algumas linhas.

As transformações da imprensa e do modo como nos comunicamos também é apresentada em algumas páginas no contexto da Cidade de Petrópolis. De acordo com o Almanaque, o primeiro telégrafo elétrico da Cidade chegou em 1854 e era capaz de transmitir e receber mensagens por meio de fios e um código de sinais, o código Morse. O primeiro jornal da Cidade “O Mercantil” (Figura 19) foi criado em 1857, na Rua Teresa. Sob a direção de Bartolomeu Pereira Sudré, o jornal tratava de assuntos humanitários, como a abolição da escravatura. Também chegava à Cidade a primeira agência dos Correios, em 1848, e o telefone, em 1883, que inicialmente era exclusivo à Corte, ligando o Palácio de São Cristóvão ao de Petrópolis (ALMANAQUE, 2008). Segundo a seção “Curiosidade”, em 1915, após a Proclamação da República, Petrópolis tornou-se a terceira cidade do Estado do Rio de Janeiro com o maior número de contratos com o serviço telefônico: 727 assinantes.

**Figura 19**

**ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL ‘O MERCANTIL’ DE 1857.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, p. 28.

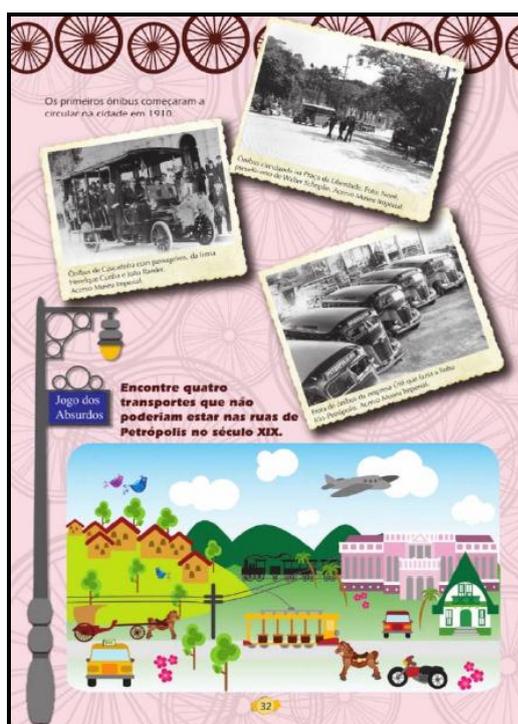
Com tantas modernidades chegando à Cidade, era necessário iluminar as ruas. Sinal dos novos tempos, a iluminação pública não poderia continuar por meio de lampiões, azeite e querosene, como foi ao longo do século XIX. Em 1894, Petrópolis tornou-se uma das primeiras cidades a ter iluminação elétrica (ALMANAQUE, 2008). A proposta de discussão do Almanaque é sobre a má distribuição de energia elétrica no Brasil.

O transporte também entra em cena, a partir das evoluções ocorridas desde o uso dos animais para a locomoção até as vitórias que podem ser facilmente encontradas na frente do Museu Imperial ainda hoje. Utilizando seu próprio acervo, o trem Leopoldina - em exposição até a presente data -, fazia viagens entre o Rio de Janeiro e Petrópolis, sendo desativada durante o ano 1964. O Almanaque também discorre sobre o serviço ferroviário que chegou ao bairro Alto da Serra em 1883 e o primeiro automóvel da Cidade, vindo também de trem, no ano de 1901. O serviço de bonde elétrico foi inaugurado em 1912, quando a Família Imperial não vivia mais no Brasil, e foram desativados ao final dos anos 30. Os ônibus vieram à Cidade em 1910 e permanecem até hoje (ALMANAQUE, 2008).

Novamente é proposto que o leitor identifique algumas diferenças entre imagens de momentos distintos de Petrópolis, neste caso o local onde hoje funciona uma rodoviária, e assinalar em um desenho quais transportes não poderiam existir em Petrópolis no século XIX (Figura 20). Outra sugestão é um mapa mental onde o leitor é convidado a desenhar uma rua conhecida de Petrópolis e acrescentar todos os edifícios que lembrar e, ao final, comparar com os outros que participaram da atividade para observar se recordaram das mesmas construções.

**Figura 20**

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. JOGO DOS ABSURDOS.**

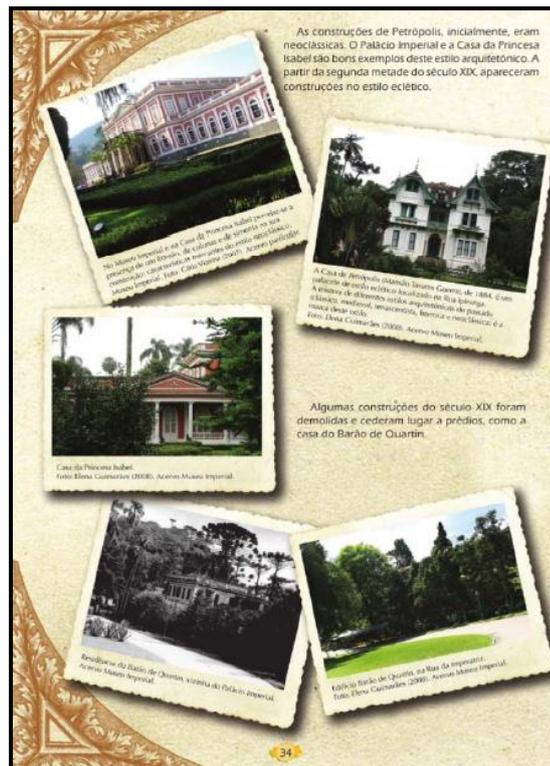


Fonte: ALMANAQUE, 2008, p. 32.

Outro destaque conferido à Petrópolis é sua arquitetura tradicional. O Almanaque exibe um breve histórico das construções mais conhecidas, como o Palácio Imperial e a Casa da Princesa Isabel, ambas as edificações construídas no estilo neoclássico: “No Museu Imperial e na Casa da Princesa Isabel percebe-se a presença de um frontão, de colunas e de simetria na sua construção: características marcantes do estilo neoclássico” (ALMANAQUE, 2008, p. 34). Também são destacadas outras construções e seus históricos como a Casa de Petrópolis, um palacete em estilo eclético, a residência do Barão de Quartin, o Palácio Rio Negro, o prédio da reitoria da Universidade Católica de Petrópolis, entre outras referências arquitetônicas vinculadas à elite (Figura 21).

**Figura 21**

**ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. ARQUITETURA PETROPOLITANA.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, p. 34.

Como em várias cidades do Brasil, em Petrópolis as ruas cujos nomes faziam referência à Monarquia e tudo o que estava relacionado a ela também tiveram seus nomes modificados a partir da Proclamação da República. Entretanto, alguns voltaram a fazer parte

do cotidiano da Cidade. Baseado nisso, a atividade “descubra palavras” propõe que ao desembaralhar as letras seja possível descobrir os nomes atuais de algumas ruas petropolitanas (Figura 22).

Figura 22

**ALMANQUE DE PETRÓPOLIS - UMA JORNADA DE DESCOBERTAS PELO PASSADO E PRESENTE DA CIDADE IMPERIAL. DESCUBRA PALAVRAS.**



Fonte: ALMANAQUE, 2008, p.34.

Finalizando a História da Cidade, o Almanaque trata justamente sobre os títulos que ela recebeu - Cidade das Hortênsias, Cidade-jardim e o título mais importante: Cidade Imperial, recebido em 1981 por meio de um decreto assinado pelo próprio presidente do Brasil, João Batista Figueiredo, também proprietário de um sítio em Petrópolis; ao citar esses títulos retoma a relação de D. Pedro II para com sua Cidade de longos veraneios:

Foi aqui que d. Pedro II recebeu a notícia da Proclamação da República e, assim, foi preciso ir para bem longe. O imperador saiu do Brasil com toda sua família enquanto o novo regime de governo se instalava. O primeiro destino foi Portugal, mas foi na França que ele viveu os últimos anos de sua vida. A cada amigo que lá o visitava pedia notícias de seu país e jamais se esquecia de declarar o apreço e sentimento de saudades por aquela que verdadeiramente foi sua cidade: Petrópolis (ALMANAQUE, 2008, p.36).

E como dito anteriormente, neste mesmo capítulo, o Almanaque admite que se os Imperadores não tivessem se encantado pela região, ou se a Serra da Estrela não fosse o melhor caminho para chegar à Minas Gerais a história da Cidade não seria como foi narrada. “Nenhuma cidade nasce por acaso e cada uma tem sua história. Pertinho de um rio, ao lado de um forte ou de um porto, ao redor de uma igreja, nas proximidades de uma fábrica ou de uma fazenda... ou, como vimos, em torno do palácio de um imperador!” (ALMANAQUE, 2008, p. 36).

As últimas páginas do Almanaque são dedicadas ao calendário com as datas significativas para a história de Petrópolis, das quais destaco: o início do funcionamento do Colégio Kopke em janeiro de 1850, a chegada da primeira locomotiva à Cidade no mês de fevereiro de 1883, a fundação de Petrópolis no dia 16 de março de 1843 e a inauguração do Museu Imperial também em 16 de março do ano de 1943, data escolhida não por acaso a fim de celebrar a relação de reciprocidade entre palácio-museu e Petrópolis.

Nascer e viver em Petrópolis implica em um conhecimento prévio sobre a Cidade e seus fundadores antes mesmo de frequentarmos o colégio. Por isso, de acordo com Regina Resende, a elaboração deste primeiro Almanaque não significou muitas dificuldades. Sua afirmação se deve especialmente, segundo a mesma, por ser um assunto de debate permanente no Museu e já trabalhado com os alunos a partir de questões sobre os antecedentes históricos, a fundação, os meios de comunicação, os transportes, as casas comerciais e as fábricas em Petrópolis no século XIX. Somado a isso, há também o vasto acervo pertencente ao Museu que está relacionado ao tema.

As pesquisas e roteiros demandam dedicação por parte da equipe, mas também contam com a avaliação dos professores que participam do Projeto Petrópolis. Assim, ao final da atividade há espaço para opiniões e sugestões no questionário, que, de acordo com Regina Resende, são mensuradas ao término do projeto.

Com cinco anos após a primeira publicação dos Almanaques, o Setor Educativo percebe a receptividade, a curiosidade e o interesse por parte de professores e alunos. Poder dar continuidade aos temas abordados em sala de aula agrada professores e a própria equipe que trabalhou no projeto. Outro ponto positivo apontado por Regina Resende é a disseminação das informações dos Almanaques aos familiares dos alunos. Regina Resende relata que são muito comuns os pedidos de aquisição dos Almanaques por parentes ou conhecidos de algum aluno que participou do Projeto Petrópolis. Desde modo:

O almanaque vem ao encontro dos objetivos dos demais projetos educativos do museu na medida em que divulga e explora o nosso acervo de forma contextualizada e lúdica, além de colaborar no processo de conhecimento crítico dos diversos aspectos apresentados em cada temática trabalhada sobre a história da cidade (RESENDE, 2013, doc. eletr.).

O Museu mantém contato e busca saber o retorno dos professores a respeito da apropriação do Almanaque de Petrópolis, em especial, através do Projeto Petrópolis. Além de um estudo de avaliação (Anexo A), alguns participantes que ganham o material impresso entram posteriormente em contato com o museu para apresentar os trabalhos que realizaram tanto em sala de aula como tarefas para casa a partir dos Almanques.

Um exemplo desta atividade é um registro elaborado pela equipe do Colégio Ipiranga, localizado na Cidade de Petrópolis, o qual aborda as atividades que foram realizadas no Museu Imperial, em especial, utilizando o Almanaque de Petrópolis. Estes registros me foram enviados pela entrevistada do Setor de Educação. Dentre as atividades realizadas destacam-se:

- ✓ Análise das imagens do passado e do presente para identificação das mudanças ocorridas – aprendendo assim, que podemos ler as imagens e com elas reconstruir/recontar a nossa história.
- ✓ Utilização dos textos/imagens para relacioná-las aos conteúdos apresentados sob a forma de registro de atividades - com turmas de 4º e 5º anos.
- ✓ Rodas de leitura utilizando o Almanaque como disparador das discussões relacionadas ao tema “O homem e a cidade: como o tempo modifica a paisagem (para os 5º anos).
- ✓ Almanaque nas avaliações - os professores das diferentes disciplinas fizeram uso dos textos e imagens para compor as avaliações bimestrais.
- ✓ Pesquisa entre os familiares sobre a relação da família com Petrópolis - com mostra de fotos.
- ✓ Atividades do Almanaque feitas em aula/casa (COLÉGIO IPIRANGA, 2009, [n.p.]).

Recebi do Setor de Educação do Museu duas avaliações que foram aplicadas aos estudantes do Colégio Ipiranga com base no Almanaque de 2008. Uma das avaliações se referia à disciplina mais comumente associada aos museus: História (Figura 23).

Figura 23

## PROVA DE HISTÓRIA DO COLÉGIO IPIRANGA - PETRÓPOLIS/RJ

V) Além da nossa aula passeio no Museu Imperial , conversamos muito sobre a história da nossa cidade. (Valor:1,2)

Relacione as colunas:

- 1- Paulo Barbosa da Silva
- 2- Imperador D. Pedro I
- 3- Imperador D. Pedro II
- 4- Colonos Alemães
- 5- Fundação de Petrópolis
- 6 - Júlio Frederico Koeler



( ) Herdou a fazenda de seu pai, e também a paixão pela região construindo aqui um belo palácio de veraneio.

( ) Mordomo e chefe da Casa Imperial de D. Pedro II, idealizador do nome da cidade, que quer dizer Cidade de Pedro.

( ) Major engenheiro que projetou a cidade junto com o mordomo Paulo Barbosa da Silva.

( ) O primeiro a se apaixonar por essa região, parte exuberante da nossa Mata Atlântica. Passava por aqui a caminho das Minas Gerais e comprou a Fazenda do Córrego Seco.

( ) Primeiros imigrantes que chegaram para colonizar nossa cidade.

( ) Em 16 de março de 1843, através do decreto nº 155 – assinado por D. Pedro II e Paulo Barbosa.

Ilustração retirada do Almanaque de Petrópolis - dezembro de 2008.

Fonte: Imagem cedida pelo Museu Imperial, 2013.

Percebe-se, nesta questão, como os sujeitos foram essenciais para a construção e desenvolvimento da história da Cidade - passando desde os colonos alemães e o mordomo do Palácio Imperial aos próprios Imperadores do País. Mas, para a minha surpresa, também a disciplina de Matemática utilizou-se do Almanaque para que os estudantes pudessem aplicar seus conhecimentos a partir da Cidade onde vivem (Figura 24):

Figura 24

**PROVA DE MATEMÁTICA DO COLÉGIO IPIRANGA - PETRÓPOLIS/RJ**

Durante este bimestre realizamos muitas atividades, entre elas a visita ao Museu Imperial, participando do Projeto Petrópolis. Vamos lembrar alguns fatos?

"Em 16 de março de 1843, pelo decreto n<sup>o</sup> 155, assinado por D. Pedro II e Paulo Barbosa, foi fundada a povoação de Petrópolis. Através deste documento, o Major Koeler tornou-se o Superintendente da Imperial fazenda."

(retirado do Almanaque de Petrópolis – Museu Imperial)

1. De acordo com a informação ao lado, apresente em cálculo, a idade de Petrópolis: ( Valor: 0,4)

2. Escreva esta quantidade por extenso: ( Valor: 0,2)

---

3. Quantas ordens e classes possui o número da resposta anterior? ( Valor: 0,2)

---

Fonte: Imagem cedida pelo Museu Imperial, 2013.

Outra proposta para que a Cidade fosse explorada foi a elaboração de atividades de registro a partir de temas tratados no Almanaque. Os alunos também poderiam convidar a família para visitar o local e depois discorrer sobre a experiência. Um exemplo desta atividade é de uma aluna que foi à Catedral e à Casa da Princesa Isabel com sua mãe e pôde apresentar seus conhecimentos adquiridos a partir do Almanaque de Petrópolis: o Pálacio Imperial, lançado no ano de 2010 (Figura 25).

Figura 25

## REDAÇÃO DE ALUNA DO COLÉGIO IPIRANGA - PETRÓPOLIS/RJ



Fonte: Imagem cedida pelo Museu Imperial, 2013.

Transcrição: “Ao sair na porta da igreja, imediatamente avistei uma casa com colunas do outro lado da rua, trata-se da casa da Princesa Isabel. Corri para lá e logo identifiquei colunas e pilastras jônicas.

Casa da Princesa Isabel, situada na Av. Koeler, nº 42, onde funciona a Companhia Imobiliária de Petrópolis”.

Tentar relacionar passado e presente com o recorte da Cidade é um desafio do Projeto Petrópolis. Não é a toa que foi definido pela equipe a escolha da configuração do material impresso como um almanaque:

O almanaque instrui seus leitores ao recontar as histórias e a história da História porque seus leitores não sabem e para instruí-los sobre o que se passa, o almanaque, ao mesmo tempo, dá-lhes gosto pelo o que aconteceu, trazendo, de certa forma, os assuntos inseridos na atualidade (PARK, 1999, p. 62).

Assim, como dito anteriormente, Regina Resende, na entrevista realizada sobre este tema, conta que além do formato de almanaque ser mais dinâmico, este também não precisa ser lido linearmente. Além disso, conteúdos de cunho histórico se mesclam à curiosidades, atividades e questões reflexivas. Também há o calendário que foi inserido no final da publicação e caracteriza diversos almanaques. Ademais, de acordo com Resende, o formato contribui para que o público compreenda sua comunidade e seus múltiplos aspectos a partir de um olhar para o passado que se relaciona ao presente, mas se projeta para o futuro.

#### 4. CONCLUSÃO

A região onde hoje é a Cidade de Petrópolis encantou D. Pedro I, que não conseguiu ver seu Palácio da Concórdia erguido, nem a Cidade povoada. Entretanto seu filho, D. Pedro II, que também se encantou com o local não apenas nomeou-o em homenagem ao seu nome, mas também construiu sua residência de verão e fez de Petrópolis o cenário de seus melhores dias. A Cidade também encanta quem a visita e quem passou ali momentos de sua vida como Santos Dumont e Rui Barbosa. Foi esse encantamento, descoberto apenas quando vim morar em outra cidade igualmente encantadora: Porto Alegre, que me motivou a fazer este trabalho. Neste sentido os sentimentos descritos por D. Pedro II em relação à sua residência de verão e à Petrópolis se mesclaram aos meus, a descrição de algumas ruas e construções foram ao encontro de minhas próprias memórias das vezes que passei por elas e sequer percebi o que significavam ou ainda compreender a história da personalidade que dá nome a algum bairro, rua ou avenida petropolitana.

O desenvolvimento da Cidade acontecia no mesmo período em que o Palácio era construído em estilo neoclássico. Ambos contam a história do afeto entre um homem e uma terra, um Imperador do Brasil e Petrópolis, conhecida até hoje como Cidade Imperial. Onde antes havia a residência de D. Pedro II, hoje abriga um Museu que guarda a história e os relatos do período monárquico brasileiro. É difícil dizer o que os turistas buscam ao visitar a região: o Museu ou a própria Cidade.

Ao tratar do período Imperial no Brasil, o Museu precisa contar a biografia da Cidade onde está localizado. Deste modo, a história de ambos se mistura e uma se insere na outra. A relação entre o Palácio e a Cidade quando D. Pedro II ainda estava em terras brasileiras, e depois entre o Museu e a Cidade, é apresentada ao leitor do primeiro Almanaque de Petrópolis, objeto de estudo analisado durante este trabalho. O encontro entre monumento e Cidade retorna no segundo volume - O Palácio Imperial, que trata mais especificamente dos aspectos relacionados à edificação da residência imperial. O terceiro volume traz as ferrovias, sua história e seus benefícios que poderiam ser aproveitados até hoje no país.

Deste modo, o Projeto Petrópolis busca transmitir aos alunos dos colégios informações sobre a história do local onde moram e estudam, ou visitam. Também mostrar-lhes que a Cidade lhes pertence. O Almanaque, vinculado ao Projeto, é capaz de chegar a casa destes alunos, despertando o interesse e levando o conhecimento a todos os que estão ao seu redor.

É verdade que o Museu recebe diversas turmas de estudantes e o retorno de algumas escolas, entretanto, como nos diversos casos dos museus brasileiros há muito o que ser elaborado para alcançar diversas esferas escolares. No caso de Petrópolis muitos estudantes não sabem que um Imperador escolheu morar ali, e que é possível conhecer e visitar sua antiga residência. A Cidade que hoje enfrenta desmoronamentos, enchentes e tantos outros problemas comuns, que se tornam exorbitantes em decorrência a estes episódios - como falta de infraestrutura, hospitais, deficiência no sistema de transporte -, vai se distanciando daquele lugar onde a monarquia estava presente, D. Pedro II passeava todas as tardes e o progresso fazia parte do cotidiano.

Assim, o Museu Imperial busca apresentar e aproximar essa realidade a quem o visita, seja nas dependências internas da Instituição, seja nos jardins com acesso gratuito ao público. Isso se tornou muito nítido durante a análise do Almanaque, visto que sempre há a preocupação em relacionar construções antigas e como as erguidas recentemente, as personagens do Império e as ruas que hoje levam seus nomes, os rios que cortam a Cidade e a ideia de Koeler, os colonos alemães e a *Bauernfest* realizada todos os anos entre finais de junho e início de julho. Nesse sentido, o passado torna-se mais presente do que nunca, bem como o presente um impulsionador de questionamentos ao passado, relação intencionalizada na simbiose estabelecida entre Museu Imperial e Petrópolis.

## REFERÊNCIAS

- ALMANQUE de Petrópolis:** a estrada de ferro e as viagens de trem. n. 3, Petrópolis: MinC, IBRAM, Museu Imperial, 2012.
- ALMANAQUE de Petrópolis:** o palácio imperial. n. 2, Petrópolis: MinC, IBRAM, Museu Imperial, 2010.
- ALMANAQUE de Petrópolis:** uma jornada de descobertas pelo passado e presente da cidade imperial. n. 1, Petrópolis: MinC, IPHAN, Museu Imperial, 2008.
- ALMEIDA, Adriana M. Desafios da relação museu-escola. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, vol.3, n.10, set./dez.1997. p.50-56. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/4369>>. Acesso em 23 mar. 2013.
- ALMEIDA, Adriana Mortara; LOPES, Maria Margaret. Modelos de comunicação aplicados aos estudos de públicos de museus. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v.09, nº02, Jul-Dez/ 2003. p.137-145.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa. Percepções, construções e transformações na Cidade de Petrópolis, RJ. **Anais do XXI Encontro Estadual de História - ANPUH-SP**. Campinas, São Paulo, 2012.
- BARROSO, Gustavo. Relação dos objetos transferidos do Museu Histórico Nacional para o Museu Imperial. **Anais do Museu Histórico Nacional**, vol. I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Imprensa Nacional, 1941. p. 257-259. [? 1940].
- BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Catálogo do Museu Imperial**. Petrópolis, 1947.
- BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis, 1941.
- BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Museu Imperial (Petrópolis) Histórico**. Folheto nº. 21-A. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa: ULHT, n. 10, 1997. p.35-42.
- CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. A curadoria de processos educativos de ações esparsas à curadoria. In: JULIÃO, Letícia (coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas 2**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p.160-170.
- COLÉGIO IPIRANGA. Registro: aula-passeio: visitar, conhecer e valorizar! Petrópolis/RJ, 2009. [n.p.].
- COSTA, Carina Martins. A escrita de Clio nos temp(l)os da Mnemósime: olhares sobre materiais pedagógicos produzidos pelos museus. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, jun. 2008. p. 217-240. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n47/13.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2013.

DAIBERT, André Barcelos Damasceno. **História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930**, 2010. 88p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Políticas e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro, 2010.

GANZER, Adriana Aparecida. Turbilhão de sentimentos e imaginações: as crianças vão ao museu, ou ao castelo. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). **Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 85-92. (Coleção Ágere).

GREGÓRIO, Roberta dos Santos. Petrópolis - Cidade Imperial? Da representação do espaço aos espaços de representação. **EGAL 2009 - 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina**, Montevideo, Uruguai, 3 a 7 de Abril de 2009. Disponível em: <[http://egal2009.easyplanners.info/area05/5876\\_Gregorio\\_Roberta\\_dos\\_Santos.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area05/5876_Gregorio_Roberta_dos_Santos.pdf)>. Acesso em: 17 jul 2013.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. In: **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Argos, 2000. p.159-180. Disponível em: <[http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4\\_tutores/estudos\\_sociais/materiais/educacao\\_patrimonial.pdf](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4_tutores/estudos_sociais/materiais/educacao_patrimonial.pdf)>. Acesso em: 10 jul 2013.

HEIZER, Alda Lucia. **Uma casa exemplar. Pedagogia, Memória e Identidade no Museu Imperial de Petrópolis**, 1994. 93p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1994.

HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Eveline; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999. 65p.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Brasília: MinC/ IPHAN/ DEMU. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2006. p.19-32.

LIVRAMENTO, Magda Ugioni do. Ampliando meu repertório vivencial, viajando e entrando no museu. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). **Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 153-156. (Coleção Ágere).

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Conferência de Abertura. **Oficina Vassouras 2009 - Programa de Especialização em Patrimônio (PEEP)**, Rio de Janeiro, 2009. 76min. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cn1ScPBddlk>>. Acesso em: 06 jul 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista** [online]. vol.2, n.1, 1994. p. 9-42.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Revista Ciências & Letras**, nº27, Porto Alegre: FAPA, 2000. p.91-101.

MENSCH, Peter van. Modelos conceituais de museus (e suas relações com o patrimônio natural e cultural). Tradução Tereza Scheiner. **Boletim do ICOFOM-LAM**. Buenos Aires - Rio de Janeiro: n°. 4/5, Agosto de 1992. [n.p].

MICHAELIS. **Dicionário online**, s.d. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=vit%F3ria>>. Acesso em: 06 jul 2013.

MUSEU IMPERIAL. **Site institucional**. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov 2013.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. 216p. (Coleção Histórias de Leitura).

PEREIRA, Marcelle Regina Nogueira. **Educação Museal: entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional**, 2010. 180p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2010.

RABAÇO, Henrique José. **História de Petrópolis**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1985.

RESENDE, Regina Helena de Castro. <[mimp.educacao@museus.gov.br](mailto:mimp.educacao@museus.gov.br)>. Entrevista sobre o material educativo do MIMP. 08 de out de 2013. Mensagem para: <[helena\\_pca@hotmail.com](mailto:helena_pca@hotmail.com)> em 17 de out de 2013.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. O Museu Imperial. In: \_\_\_\_\_. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond/ MinC/IPHAN/ DEMU, 2006. p. 87-124.

SILVA, Ana Beatriz Figueiredo. **Petrópolis Lilás - Do Alvorecer ao fim do dia**, 1990. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990.

SILVA, Claiton Marcio da. Em débito com o passado: história, memória e experiências de ensino utilizando bens culturais. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer; OLIVEIRA, Josiane Roza de (org.). **Patrimônio cultural: experiências plurais**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2008. p.135-159.

SODRÉ, Alcindo. Como surgiu Petrópolis. In: **Centenário de Petrópolis**. Trabalhos da Comissão. Vol. VII - Os Fundadores. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1943.

SODRÉ, Alcindo. **Museu Imperial**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

THE ART NEWSPAPER. **Exhibition & museum attendance figures 2010**. 2011. Disponível em: <<http://www.theartnewspaper.com/attfig/attfig10.pdf>>. Acesso em: 31 ago 2013.

## APÊNDICE A - Carta de Apresentação

Boa tarde prezada Regina H. de Castro Resende,

sou estudante do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estou realizando meu trabalho de conclusão de curso sobre materiais educativos impressos, tendo por enfoque o *Almanaque de Petrópolis* produzido pelo Museu Imperial, investigando a contribuição pedagógica da ação educativa do Museu e a sua articulação com a cidade em que se insere.

Por isso, solicito sua autorização para realizar uma entrevista sobre o material educativo a fim de obter, a partir de suas falas, a compreensão da dinâmica do Setor e como o material educativo foi pensado e elaborado, visto que seu nome consta como Chefe do Centro de Educação Patrimonial do Museu Imperial.

A participação da entrevistada é voluntária, podendo retirar seu consentimento caso não aprove o desenvolvimento e/ou resultado da entrevista. Se desejar, seu nome será preservado na transcrição das falas, de acordo com as normas éticas de realização de pesquisas acadêmicas.

A proposta é que a entrevista seja realizada por e-mail. Se concordar em contribuir com a pesquisa o questionário será enviado em anexo, bem como o termo de consentimento. Agradeço antecipadamente toda a atenção e disposição.

Helena Przychynski Cardoso de Andrade.

Estudante do Curso de Museologia da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **APÊNDICE B - Roteiro de entrevista**

### **Entrevista**

#### **Setor de Educação - Museu Imperial**

Segundo informações disponibilizadas no site do Museu Imperial, desde 2008 foram desenvolvidos materiais educativos intitulados ‘Almanaques de Petrópolis’. Em relação a este projeto, gostaria de saber:

- 1) O que motivou a equipe a conceber os Almanagues?
- 2) Por que a escolha do termo e formato almanaque?
- 3) Por que os temas abordados (Petrópolis, Museu e ferrovia) foram os destaques até então do projeto?
- 4) Como foram desenvolvidos os Almanagues em relação às etapas e à pesquisa?
- 5) Qual foi a motivação de transformar o material educativo impresso em formato digital?

Tendo por enfoque o Almanaque I (Uma Jornada de Descobertas pelo Passado e Presente da Cidade Imperial):

- 1) O material foi desenvolvido para ser utilizado também na escola? Em caso afirmativo, o Museu tem conhecimento de atividades realizadas a partir do material?
- 2) Sobre a temática Cidade, como foram feitas as escolhas em relação aos capítulos, conteúdos, personagens, fontes?
- 3) O Museu recebe opiniões e sugestões sobre este material?
- 4) Cinco anos se passaram desde a publicação do primeiro Almanaque. Como o Setor Educativo o avalia? Dialoga com os projetos do Setor e do Museu?

## APÊNCICE C - Termo de consentimento

### CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Regina Helena de Castro Resende, RG 05376745-5 Detran/RJ, CPF 743488337-53, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Do Museu à Cidade Imperial: Representações da cidade de Petrópolis no material educativo Almanaque de Petrópolis - Uma jornada de descobertas pelo passado e presente da Cidade Imperial (2008), do Museu Imperial, Rio de Janeiro. ( x ) Permitindo que meu nome verdadeiro seja citado. ( ) Não permitindo que meu nome verdadeiro seja citado. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Helena Przychynski Cardoso de Andrade sobre a pesquisa e seus procedimentos. Recebi uma cópia do termo.

Petrópolis, 08 de outubro de 2013.

Local e data

*Regina Resende*

Assinatura

## ANEXO A - Avaliação para professores



Ministério da Cultura  
Instituto Brasileiro de Museus  
Museu Imperial

### SETOR DE EDUCAÇÃO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO – PROJETO PETRÓPOLIS

..... /..... /..... Duração da atividade:  
 Nome da instituição Data da visita Início: ..... Término:.....  
 ..... Tipo de escola: Pública  Privada  Série: .....  
 Monitora do Museu

1. É a primeira vez que seus alunos participam de uma atividade educativa no Museu Imperial?  
 ( ) Sim, é a primeira vez. ( ) Não, já participaram outras vezes.
  
2. Como classificaria o tratamento dispensado pela equipe do Museu, com relação a:
 

1. marcação da visita	( ) Ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim
2. cumprimento (por parte do Museu) do horário agendado	( ) Ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim
3. organização na recepção da escola	( ) Ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim
4. tratamento dispensado pelos guardas do Museu	( ) Ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim
5. Tratamento dispensado pelo bilheteiro do Museu	( ) Ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim
5. tratamento dispensado pela monitora	( ) Ótimo ( ) bom ( ) regular ( ) ruim
  
3. A abordagem dos temas utilizada pela monitora em relação ao nível de compreensão dos alunos foi:
 

( ) acima do nível de compreensão	( ) adequada ao nível de compreensão
( ) inferior ao nível de compreensão	
  
4. Antes da vinda ao Museu, a escola desenvolveu junto aos alunos algum tipo de preparação para participar do Projeto "Petrópolis"?  
 ( ) sim ( ) não
  
5. Em sua opinião, durante a atividade, os alunos de modo geral mostraram-se:
 

( ) interessados, participativos	
( ) interessados, participativos apenas em alguns momentos da visita	( ) alheios, distraídos
  
6. Depois da visita ao Museu, a escola pretende desenvolver com os alunos alguma atividade relacionada a este projeto?  
 ( ) sim ( ) não ( ) não sei
  
7. O que acha da utilização da publicação *Almanaque de Petrópolis* como ferramenta pedagógica? Pretende explorá-la, posteriormente, em sala de aula?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

8. Espaço reservado para críticas, sugestões e comentários sobre a atividade desenvolvida.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_